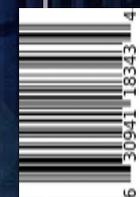


154! REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA



● EDITORIAL

Caros leitores,

Aqui somos acordados por pássaros, enquanto o som dos carros ecoa em crescente, avisando a todos nós sobre o alvorecer. Escutamos o sino da igreja da janela de casa, crianças brincando em parquinhos de entrequadras, e o silêncio que fala em tons diferentes aos meus ouvidos. Também paramos no trânsito, brigamos com os motoristas que "furam fila", e sentimos o "bafo quente" do concreto e do asfalto! Para nós, uma cidade de alvoreceres e entardeceres, centro do país. Constantes viventes numa cidade tão nova, e tão única! Chuva e seca! Cidade e jardim!

É por causa dessa cidade que nos chamamos REVISTA 15.47, como sabem os leitores, e por causa dela falamos sobre cultura, tradições, patrimônio, e esperança! As artes aqui nascem como as águas em nossas nascentes, e a poesia que impera em nossos corações, é repleta de arquitetura e cultura, porque o acesso a essas belezas é grato aos olhos, por onde quer que estes passem! E esta poesia está no chão, em pedrinhas portuguesas na praça dos Três Poderes, no calçamento em concreto, presente nas superquadras, nas flores amarelas dos ipês que nascem contendo sobre a seca, e caem "entapetando" onde pisamos! Sinto-me ao olhar essas flores, como se mais uma vez estivesse pisando em tapetes de Corpus Christi, porém, esses, feitos pela natureza, para lembrar-nos do quão devemos ser gratos por poder apreciar tantas belezas, naturais e construídas. Isso é Brasília!

Nessa edição trazemos Brasília e os "brasis" que aqui moram! Convido-os a comemorar todas as belezas contidas nessa revista! Temas como inteligência artificial, tecnologia, fotografia, carnaval, café, arte, contos e música são abordados nessa edição. Esperamos que gostem da edição, e que esperem ainda mais das próximas que virão, como sempre acontece!

Angelina Nardelli Quaglia, em nome de toda a equipe da Revista 15.47!



Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB, Vice presidente do CONDEPAC, pesquisa as áreas de Patrimônio, acessibilidade/caminhabilidade (*walkability*); história da arquitetura, do urbanismo e das artes; representação e expressão; turístico patrimonial, artes e tecnologias dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, faz projetos e ministra cursos livres nas áreas que domina. Vice presidente do CONDEPAC. Coordenadora dos projetos MEMÓRIA E BRASÍLIA, 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA e EDUCAÇÃO PATRIMONIAL BsB. Cineasta, produz pequenos curtas e desenhos. Fundadora e diretora da *REVISTA 15.47*, coordenadora da equipe editorial, assina as colunas **GASTRÔ CITIES**, sobre gastronomia icônica; e **O DESIGN CRIATIVO + “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”**, onde traz temas relacionados ao design, o urbanismo, a arquitetura, e a arte.



Patrícia Yunes Ávila e Silva

Historiadora da arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte *ArtBSB*. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog “Sobre Arte e Arrepios” e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na *REVISTA 15.47*, além de membro do grupo diretor, assina a coluna **ARTE E HISTÓRIA**, onde trata de assuntos ligados a arte e seus descobrimentos no âmbito social Contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto urbanista com seu escritório de projetos sediado em BH. Atua também com escritor, artista visual, conteudista digital, e professor no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade FUMEC. É mestre em engenharia civil com ênfase em construção metálica pela UFOP, e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produções em design, cinema, música e livros, apresentando seus trabalhos de arquitetura, artes visuais, poesia e fotografia. Membro do grupo diretor, assina a coluna **ARQUITETURA E PERCEPÇÃO**, trazendo debates acerca dos temas que permeiam as cidades, a arquitetura e o indivíduo.



Malu Perlingeiro

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da *15.47*, também escreve a coluna **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA**, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Maria Luiza Junior

Fomada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP), e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe de Preto. Na *REVISTA 15.47* assina a coluna **FEMININOS MÚLTIPLOS** e **GASTRÔ CITIES**,



André Berçott

Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias* e a pela *REVISTA 15.47*. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, escreve na coluna **REFLETIR, POR QUE NÃO?** Um pouco sobre a importância da reflexão sobre a vida nas RAs de Brasília.



Maria Helena Costa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, desperta pessoas, forma times. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no desportar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na *15.47* é responsável pela coluna **SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR. Temporariamente, no Caminho de Santiago!**



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto CRIATIVAMENTE, direcionado à área de entretenimento digital.

Na Revista 15.47 é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna **GASTRONOMIA E MÚSICA**, onde escreve sobre boas receitas e dicas sobre boas músicas.



Eduardo Oyakawa

Pós-doutor em Filosofia da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Mestre e doutor em Mística e Literatura pela PUC-SP. Sociólogo e poeta. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Professor e escritor, tem em entre suas obras o livro *Os Sagrados Cães Dançarinos - Mística e heresia em Franz Kafka*, resultado de mais de uma década de reflexões e questionamentos respondidos pela filosofia, teologia e na história das ideias.

Na Revista 15.47 escreve em **FILOSOFIA**.



Beatriz Berçott

Fotógrafa, designer gráfica e estudante de cinema, é uma das sócias da *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, e auxiliou na formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA (2020). Atua como fotógrafa, criadora de arte gráfica e de desenhos com softwares de arte; desenhista de maquete 3D, e produtora de artes visuais, pequenos curtas, cinema e desenhos animados. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, compondo fotografias e criações autorais. sob encomenda. Na Revista 15.47 é uma das responsáveis da curadoria de imagens e pesquisa de fotografia e design., sendo também responsável pela coluna **E SE A VIDA FOSSE UM FILME?**, onde escreve cenas possíveis para adaptação de curas, usando a vida real. e suas nuances



Juliana Rampim

Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a História da Alimentação Brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama.

Na revista é a responsável pela coluna **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**, onde serão tratados assuntos ligados a memória, e as tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto as panelas, e mantém aquecido o coração.



Luciana Azevedo

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto a Jézer Junior é a responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde nessa Revista 15.47 serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Jézer Junior

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso "Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Condutor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto a Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna **BRASÍLIA EM ORAÇÃO**, onde nessa Revista 15.47 serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Christiane Reis Dias Villela Assano

Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1998). Possui Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). É professora de música da Fundação de Apoio à Escola Técnica. Foi professora substituta na Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP), na Pós-Graduação Lato Sensu "Alfabetização das Crianças das Classes Populares" da Universidade Federal Fluminense e na Graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical, piano, educação musical a distância, **música e educação, artes cênicas e alfabetização musical**.



Francisco José Alencar de Araripe

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de teapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana. Na Revista 15.47, escreve sobre **PSICOLOGIA**, auxiliando os leitores com ensinamentos e conhecimentos relevantes, e auxiliares, em especial para o momento que estamos vivendo.



Alexandre Guerra

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficcionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na *REVISTA 15.47* é responsável pela coluna **GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE**, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



Luciano Brasileiro de Oliveira

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília(UnB); Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasilense de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA. Na *Revista 15.47* escreve em **DIREITO**.



Lucia Helena Moura (ABAP)

Arquiteta Urbanista com graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1980). Atualmente é assessor na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, e possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Paisagismo, Meio Ambiente, Planejamento Urbano e Regional. Pela *Revista 15.47* representa a Associação Brasileira de Arquitetos paisagistas (ABAP), escrevendo e organizando artigos para a seção que trata de paisagem urbana e trajetória da **ABAP**.



Nelson Inocêncio

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador de Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. Na *15.47* é responsável pela coluna **ALTERIDADES**.



Lucas Pontes

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA). Nascido em Brasília -DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa *Revista* escreve em **"CONEXÕES URBANAS"** e **POESIA**.



Marta Romero

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), e também Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993), e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do o Laboratório de Sustentabilidade da **PPG-FAUUNB (LaSUS)**.



Elaine Toledo

Instrutora e Palestrante com mais de 25 anos na área da Aviação Civil – Comportamento, Postura Profissional e Mentoria para Aeronautas. Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pessoas pelo IESB, com especialização e qualificação realizados no Brasil e Bogotá/Colômbia em Taller Imagen Etiqueta y Protocolo, Taller Calidad de Vida e CRM – Corporate Resource Management. Na *Revista 15.47* escreve contos com fins motivacionais, na coluna **CRÔNICAS COTIDIANAS**.



Marta Simone

Formada em direito, atuou no âmbito do Poder Legislativo Federal (Câmara dos Deputados e Senado Federal); do Poder Executivo (Ministério da Justiça); e em Organizações Não-Governamentais, atuando na formulação e implementação de políticas públicas, "Direitos Humanos e Minorias", especialmente com o tema "Direitos da Mulher", tendo sido Coordenadora Nacional do "Programa Nacional de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher" (Ministério da Justiça). Possui ainda Formação na Faculdade de Artes Cênicas (Licenciatura) e Formação em Coaching pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBC). Escreve na coluna **CRÔNICAS E ESTÓRIAS**



Carlos Eduardo Barbosa Garcez

Internacionalista, pós graduado em políticas públicas e gestão governamental, pós graduado em direito do estado. Barista, sócio proprietário do **Saboretto Cafés Especiais**. Entusiasta de marketing digital e fotografias, é responsável pelo **O NOBRE CAFÉ**.



Oswaldo Amorim

Contrabaixista/Compositor/Diretor Musical, Professor efetivo da Escola de Música de Brasília desde 2003, é graduado em Licenciatura em Música pela Universidade de Brasília (1996). Em 1998, selecionado pelo programa APARTES do Ministério da Educação (MEC), muda-se para Nova York onde conclui o curso de especialização em contrabaixo pela Bass Collective, sob a orientação de John Patitucci. Ainda em Nova York é premiado com uma bolsa de 75% pela Manhattan School of Music, onde concluiu o curso de Mestrado em Jazz Performance, em 2001, sob a orientação de Jeff Andrews.

Músico profissional desde 1990, já se apresentou em várias cidades no Brasil e no exterior, além de realizar gravações e tocar ao lado de grandes nomes como Branford Marsalis, Marcio Montaroyos, Toninho Horta, Roberto Menescal, Léo Gandelman, Hamilton de Holanda, Oswaldinho Acordeon, Iva Bittová, Pena Branca, Imãs Galvão, Dércio Marques, Renato Vasconcellos, Dave Pietro, Mike Tucker e muitos outros. Na Revista 15.47, escreve na coluna **O TOM DA MÚSICA**



Mariana Almada

Graduação em ARTES VISUAIS e em TEOLOGIA, possui especialização em HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA pela UnB e SAÚDE MENTAL pelo Instituto Kallie. Atualmente é professora - SEEDF. Tem experiência na área de Alfabetização, Formação de professores SEEDF, Ensino Religioso, Saúde Mental e Arte - com ênfase em Artes Visuais, Música e Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro de bonecos, criatividade, fotografia, educação, práticas sociais com ênfase na diversidade /saúde mental e psicanálise. Arte-Educadora, Fotógrafa apaixonada pelas formas, cores, tons, ângulos, pessoas, animais, na Revista 15.47 é responsável pela coluna **OLHARES**.



● ARQUITETURA. URBANISMO. ARTE. FOTOGRAFIA. CULTURA

- 09 E se BRASÍLIA tivesse sido pensada com AI? Um devaneio - Angelina Nardelli Quaglia
17 Quem tem medo do lobo mau? Tecnologia na era das megaexposições - Patrícia Yunes
22 Entrevista com FABRO - Malu Perlingeiro
28 Fotografia da arquitetura - Aforismos - João Diniz - Belo Horizonte - MG
31 Poesia II - Lucas Pontes - Buenos Aires - Argentina
32 Carnaval no estilo do BOI - Mariana Almada

● HISTÓRIA. PATRIMÔNIO. GASTRONOMIA. TURISMO

- 37 Carnaval, liberdades e uma receita para depois da abundância - Juliana Rampim
39 O café tradicional e o café especial - Carlos Eduardo Barbosa Garcez
42 O que é que a bahiana tem? Dos terreiros para a mesa - Luiza Junior e Angelina Quaglia

● SOCIOLOGIA. PSICOLOGIA. DIREITO. BEM ESTAR. COTIDIANO

- 43 Dostoiévski e a questão da liberdade - Eduardo Oyakawa - São Paulo - SP
44 Reza a lenda - Elaine Toledo

● MÚSICA. CRÔNICA. CHARGE

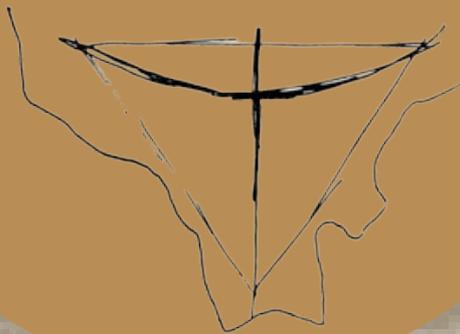
- 45 Anymore - Beatriz Berçott
46 O encontro - Marta Simone
48 Casas de Shows em Brasília: Falta de tradição ou visão? - Oswaldo Amorim

● HOMENAGEM DA CAPA

- 51 Capa - Bruno Stuckert e Ricardo Stuckert

PROJETO

**MEMÓRIAS E BRASÍLIA.
ISSO É BRASÍLIA**



SAIBA MAIS



**SALVAGUARDA DAS MEMÓRIAS
QUE REPRESENTAM A PERCEPÇÃO PESSOAL
EM
BRASÍLIA**

**ENVIE SUA MELHOR MEMÓRIA SOBRE BRASÍLIA (PLANO
PILOTO E A GRANDE BRASÍLIA) NUM ÁUDIO COM SEU NOME
PARA**

(61) 98177-2538!

PORQUE É A MEMÓRIA QUE NOS FAZ PRESERVAR!





Angelina
Quaglia

● O DESIGN CRIATIVO
"ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA"

E se BRASÍLIA tivesse sido pensada com AI? Um devaneio!

Faz 63 anos que no centro de nosso país foi construída, em três anos, a única cidade modernista do mundo. Com características um tanto quanto inusitadas, Brasília foi antes de tudo desejada - desde o período do império, até JK (1) -, e quando inscrita como Patrimônio Mundial pela UNESCO (1987), passou a dividir com o restante do mundo a materialização do projeto do urbanista Lucio Costa, construído por meio de mãos brasileiras (os candangos), entrando para a história como uma das mais emblemáticas e controversas capitais do mundo. Compreendeu-se ali, em 1960, que Brasília era parte de um tempo único no Brasil, trazendo consigo uma ideia que levava a outras muitas, bem como as coisas boas devem ser. No Centro Oeste brasileiro pessoas com coragem fincaram os ideais utópicos de outrora - daquele período histórico, de feitos Hercúlios -, o que, para muitos ainda é um fato de difícil compreensão. Incompreensão um tanto rude, se assim posso colocar-me sobre o que penso do processo de interpretação da ideia aplicada e vivenciada. Dito isso, afirmo que Brasília é uma inspiração da capacidade intelectual humana, tanto no ponto de vista de sua criação, como no sentido de sua "feitura", a mão, cada tijolo e pedra, com a expertise e a criatividade humanas. *Então, é justo aqui que questiono, e se Brasília tivesse sido pensada por uma inteligência artificial (AI)?*

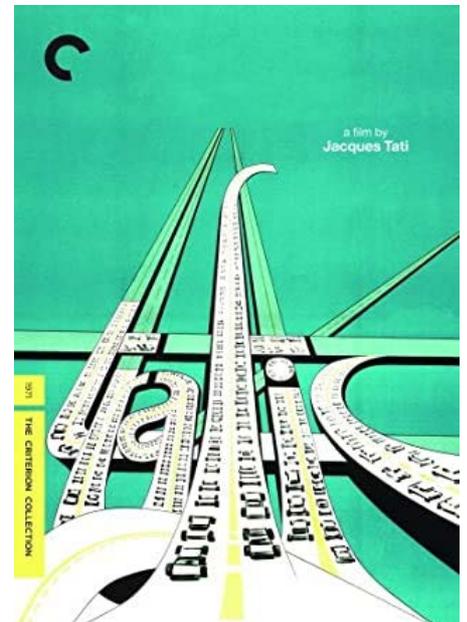


Figura 01: Poster de Trafic, 19717

Brasília é uma cidade diferente de todas as existentes no mundo. Moderna, "artificial e futurista", consegue ser, ora estranha e gritante, por causa de suas peculiaridades, devido a sua urbanidade dissoluta de estereótipos usuais, ora cidade passiva e comum, complexa, gasta pelas falas trocadas e incompreensão (do tipo palavras que nunca são ditas, porém, repetidas), de caminhos difíceis e árida como seu clima na seca. Dicotômica, é quase a materialização de um filme de Jacques Tati, acrescida de segregação e "descostumes". Isso porque vivenciar Brasília é como entrar para dentro de Trafic (1971), e mergulhar sem oxigênio numa subversão ao óbvio, inusitada ao olhar, e é assim, com esse ar de estranheza familiar que enxergamos (enxergo), Brasília.

Cabe aqui relatar uma indignação, antes que eu realmente inicie esse artigo. A cidade pensada por Lucio Costa, diversas vezes é confundida como a cidade de Oscar Niemeyer. Brasília, e repito seu nome mais uma vez, é plural, diversa e graciosa, parece ter sido sonhada para outro tempo, mais evoluído, e precisaria de mais tempo, e mais do que 100 (cem) boas cabeças - uma provocação minha, e não sintam-se ofendidos caso encaixem-se aqui -, para entender que a filha de Costa, não de Niemeyer, é sim vivível. Naturalmente, precisa de manutenção, e não pode perder as características com as quais foi, e é, reconhecida mundo afora. Urgentemente necessita de alguns "badulaques" modais diferenciados (VLT, um melhor METRÔ, ciclovias, dentre outros), para tornar-se de fato a capital desejada, moderna, que representa nosso país com precisão.



Figura 02:
Sobreposição de AI com desenho digital de Brasília
Imagem da autora,

Precisamos deixar de ser uma CAPITAL DO INTERIOR, para nos tornarmos A CAPITAL NO INTERIOR. Provida de uma gentileza utópica, que pode tornar-se real - além do seu tempo, como afirmado -, a mobilidade deve ser aperfeiçoada, até porque o Distrito Federal hoje é a terceira maior região metropolitana do Brasil. A acessibilidade precisa existir da mesma forma gentil e fluida como foi projetada, porque garantirá o seu uso sem barreiras, permitindo aos moradores a caminhabilidade, urgente para que as cidades do séc. XXI sejam sustentáveis e inteligentes, como Brasília deve ser. Para isso, não é preciso destruir o que foi como ideia moral e urbanística, e sim, construir o que fica, o que irá, e de fato o que tornar-se-á como ideia, ideal e realidade a partir da utopia.

Brasília não é para amadores, já dizia o Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki! E que fique BEM claro, Lucio foi o pai, e Oscar foi o padrinho! E não no sentido de fazer ganhar no concurso o projeto, como alguns ainda ousam dizer, mas sim, porque, por meio de Oscar (o padrinho), belas obras de arquitetura tivemos e temos aqui! Uma ideia simples - como disse o “maquis”, título dado por

Lucio Costa, para si, no memorial sobre o projeto do Plano Piloto entregue no concurso, sempre modesto -, mas necessária a compreensão (palavrinha importante nesse artigo), para que possamos de fato entender o “gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse” (COSTA, 1957).

Sendo assim, voltemos a Artificial Intelligence - AI (Inteligência Artificial - IA) e as possíveis Brasília's além daquilo que conhecemos como uma cidade artificial por nascença, bastante real, com áres evoluídos.

Gostem ou não da Capital Federal, o fato é que ela foi pensada por um humano brilhante, provido de vastos conhecimentos urbanísticos, e repleto de ideias que tornaram fáceis as vidas dos que vieram morar por aqui no “Plano Piloto”(2), até porque o restante, o entorno, não foi muito bem projetado. Para quem vive nas Asas Sul e Norte (Escala RESIDENCIAL), a vida é tranquila (esqueçam a lei do silêncio ou a falta de vagas), com comércio próximo às residências, em grande parte formadas por apartamentos, tendo á porta das SUPERQUADRAS os ônibus e o metrô, além do entorno provido por uma área verde digna dos atuais discursos sobre as cidade inteligentes e neuro adaptabilidade, assunto dessa coluna no próximo número da revista, composto por praças arborizadas, bosques e jardins (Escala Bucólica), farta ao olhar, permitindo que as sinapses cerebrais ocorram. **Esse humano que projetou Brasília poderia muito bem alimentar com seu conhecimento um processo de projeção em AI. Não acham?**

Transmutação da geração Proteus

E foi questionando a possibilidade de uma Brasília desenhada por inteligência artificial, a partir das ideias, lê-se saidas do cérebro de Lucio Costa, que iniciei em 2022 uma vasta pesquisa sobre os processos de desenho e projeto usando a AI como ferramenta, e possibilidades em pensar por meio de neurônios artificiais para projetar. A resposta foi simples, e rápida, porque a inteligência artificial nos dominará como processo pensante, em breve, e penso (enquanto posso), que precisamos falar sobre isso!

Num rápido "senta que lá vem estória", tudo tornou-se mais intenso quando no mesmo ano, numa turma onde ministrei aulas para Projeto de Arquitetura Cinco (PA5), na Universidade de Brasília (UnB), junto as professoras Cynthia Nojimoto e Ludmila Correia, deparei-me com um grupo grande de estudantes, geniais aliás, usando a inteligência artificial para projetar as utopias que pedimos no início do semestre. Eles simplesmente definiam os parâmetros iniciais desejados para a volumetria final nos projetos, e sem esboçar nada à mão digitavam suas idéias num dado programa escolhido, onde a inteligência artificial preparava visualmente aqueles edifícios e espaços coletivos.

Meu primeiro pensamento transmutou-se num questionamento, que fez ressurgir o meu pré-conceito sobre os vastos usos da AI para fins arquitetônicos ou artísticos, assunto debatido incansavelmente nos últimos anos. Meu segundo questionamento referiu-se a eficiência e a eficácia acerca da sua utilização. Será que eles sabiam mesmo, àquela altura, usar a inteligência artificial como aliada, ou apenas trabalhavam o resultado desse raciocínio "D'Ela"? E por fim, como ficará o pensar urbanístico e arquitetônico, caso estejamos (eu, meus colegas e meus alunos) a utilizar a AI de forma errada? Curioso foi que um ano antes estudei como aluna especial para o doutorado, no IAU/USP, na disciplina Concepção Arquitetônica e Cultura Digital, ministrada pela Pós Dr^a Anja Pratschke, e instigui-me a pesquisar sobre tema do qual discorro. Coloquei-me a pesquisar novamente.

O pré-conceito e as minhas críticas quanto ao uso da AI na projeção, entendi posteriormente, tratavam-se de questionamentos adormecidos, advindos dos debates e filmes assistidos desde a minha infância, somados a minha familiaridade, em constante evolução. Afinal, minha geração misturou pavor e adoração quando assistimos, "Matrix" (1999), "Exterminador do Futuro" (1985), e "Demon Seed", traduzido no Brasil como "Geração Proteus" (1977). A probabilidade de um cérebro além do nosso a tomar decisões era instigante, sobretudo, porque cresci familiarizada com a ideia de máquinas capazes de "pensar". Afinal, meu pai esteve entre os primeiros usuários do GALILEU (3), e tive o prazer de desenhar, de forma pueril, nas folhas descartadas dos processos pensantes desse mega computador, na década de 70 e 80. Sendo uma criança, eu fantasiei estar desenhando nos neurônios de um "ente interplanetário terrestre", repleto de ideias que trocava conosco, porém todas voltadas para cálculos e fins matemáticos. Desenhei casas, autômatas providos de inteligência para tomar decisões, e cidades inteiras onde não precisávamos pensar, porque o mundo era provido de pensamento. Aqueles desenhos tornaram-se protótipos que mais tarde me levariam a pesquisar a inteligência artificial, presente como auxiliar, não como substituta, de alguns projetos e pesquisas.

Pensem no porquê manter o temor sobre algo novo? Um paradigma familiar a transpor? Eu precisava pensar, e pensei! Compreendam que o preconceito vem do medo sobre a contraposição da AI, sobre nós. Vem do preconceito crítico por algo entregue para a máquina enquanto processo de aprendizado, quando alimentada sobre a égide humana, que fez surgir outra tipologia de "ser ou ente pensante"! Não é mais o desenho de uma criança em folhas repletas de números, com laterais furadinhas, agora "Ela" pensa em TUDO, e por nós, se deixarmos! Ensinando ética e moral, formatamos as AIs por aí, que por sua vez aprenderam de tudo um tanto! Concluí que meu medo estava focado mesmo era na raça a qual pertença, a humana, que emburrece dia após dia, e prefere permitir o pensar, o projetar ou o desenhar, a "Ela"! Pensei, enquanto ainda posso fazê-lo, onde vamos parar? O medo não é da IA, as como as pessoas vão se apropriar "D'Ela"!

Evoluímos por causa da nossa capacidade em buscar soluções, e a partir do momento que alimentamos uma AI com os nossos pensamentos para solucionar TUDO, ou quase tudo, corremos o risco de "emburrecer". Vamos deixar que a inteligência artificial tome nosso lugar, nossas decisões e soluções ao invés de pensar junto a Ela? Num debate sobre a AI para o projeto de Educação Patrimonial BsB, o historiador André Berçott trouxe o exemplo da calculadora para ilustrar a "perda pela comodidade", e lembrou-nos como esta maquininha substituiu com o tempo, o uso fácil do cérebro para cálculos simples. Sendo assim, cabe a nós a compreensão mais sobre a inteligência artificial, caso contrário "Ela" vai superar em alguns anos a nossa capacidade evolutiva, tal qual fizemos como humanos. E seguindo a "vibe" desse debate, logo afirmo, "seremos nós os primatas de "2001, Uma Odisseia no Espaço" (1968), daqui a alguns poucos anos!

Entendendo de onde vinha meu pré-conceito também foram respondidos o segundo e o terceiro questionamentos, que sucessivamente ligaram-se a mais um grupo de perguntas. Não sou afeita a criticar sem conhecer, então pus-me a questionar a relação do ser vivo no futuro, com a máquina, e sobre os processos de projeto de arquitetura e urbanismo, de arte e das demais ações da AI, e como deverão ocorrer a partir desse nosso século! Precisamos aprender a programar, sem emburrecer, seguindo a cultivar uma relação com aquilo que nos acompanhará por mais tempo. A discussão não deve ser baseada na existência da inteligência artificial, e sim, na forma correta de sua utilização como parceira nossa, e não concorrente. Sendo assim eu, meus alunos e colegas de trabalho (arquitetos, urbanistas, escritores e artistas visuais), estamos vivendo uma nova era, e isso é fantástico!

CIDADE ARTIFICIAL, “VALOR UNIVERSAL EXCEPCIONAL” e AI

Perto do aniversário da única cidade modernista do mundo, comecei a permitir que viessem me visitar as memórias sobre o tema em questão. Permeei minha mente, ainda pensante, com assuntos que poderiam estar associados a uma cidade diferente de todas, porém, dessas, só encontrei na ficção. Lembrei-me que Brasília possui “valor universal excepcional”, um dos critérios da UNESCO para inscrição de um bem, além de ser uma “obra-prima do gênio criador humano”, e que no Centro Oeste construíram “um exemplo eminente de um tipo de construção ou período significativo da história humana”. A criação Homo Sapiens está aqui presente, como um ícone. Uma epopeia deu-se aqui, e nasceu uma cidade visualmente futurista, digna da ficção científica, **ÚNICA!** Não chegamos aos anos 2000 como foi pensado nos filmes, onde usaríamos roupas idênticas, e também não comemos cápsulas que vão ao microondas (mesmo que esse já exista), tornando-se refeições completas com frango e batata, como no desenho “Os Jetsons” (1962), porém, já possuímos drones que carregam pessoas, robos capazes de auxiliar em hospitais e INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, que não precisa da máquina física para existir!

Entretanto, dos pensamentos que permiti a mim, um tomei emprestado como exemplo ruim sobre a troca da criatividade humana, pela artificial. Certo dia um amigo do meu filho, desenhista brilhante, perdeu um trabalho grande porque a cliente descobriu um software de AI, e usou para criar o que antes era encomenda dele. Tornei a lembrar-me dos projetos utópicos dos meus alunos que conseguiram utilizar esse “novo processo criativo” com louvor.

O “processo criativo” humano cessará? Depende muito em como vamos reaprender, sobre tudo que agora nos é ofertado como caminhar junto às máquinas. Ou fazemos isso, ou arriscamos que a humanidade torne-se “pilha de matrix”(4)! Quem não viu a “fotografia” do Papa Francisco com uma roupa estilosa, em branco, ou escutou a música de DREAKE, criada com AI, a revelia do rapper que “emprestou” a voz para tal feito, que “jogue a primeira pedra”! O uso amplo do que nos mete medo está acontecendo agora, e não nos cabe correr para um bunker, mas correr de encontro ao que nós mesmos, como dito anteriormente, criamos.

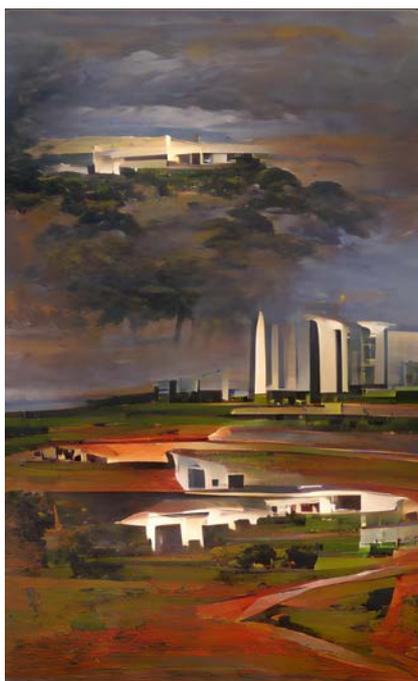
Todo e qualquer debate sobre AI nos convida a questionar a evolução humana e as tecnologias por nós criadas, sejam estas a egípcia para construção das pirâmides, sejam as que ainda não vimos acontecer, porque isso é parte instigante da vida, da criação, dos segundos que usamos para apreciar as estrelas, as batidas do coração, e as lágrimas caídas quando uma máquina é capaz de pensar.

Na verdade, duvido que haja, para o ser pensante; minuto mais decisivo do que aquele em que, caindo-lhe a venda dos olhos, descobre que não é um elemento perdido nas solidões cósmicas, as que uma universal vontade de viver nele converge e se hominiza.

O Homem, não centro estático do Mundo - como ele julgou durante muito tempo; mas eixo e flecha da Evolução - o que é muito mais belo. (CHARDIN, 1988)

Sem as vendas, vemos o belo

Usando trechos e palavras chave extraídas do texto de Lucio Costa no memorial para o Concurso do Plano Piloto de Brasília, acrescentando palavras escolhidas a partir das minhas observações pessoais sobre a cidade, como paisagem urbana e cinturão verde, utilizando os softwares WOMBO e DALL-E, permiti que a AI criasse e trouxesse resultados surpreendentes. Qual a sua opinião sobre uma BRASÍLIA PENSADA PELA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, funcionando de outra forma?



Figuras Composições 03:
Eixo Monumental, Congresso Nacional e Ministérios em dia nublado- 2022
Imagem da autora



Figuras Composições 04:
Apenas Brasília - 2022
Imagem da autora



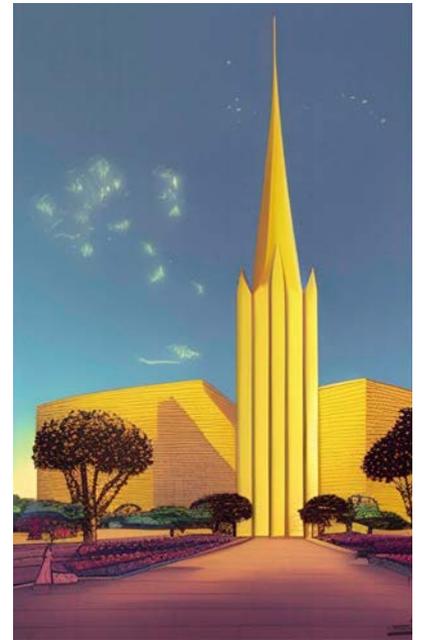
Figuras composição 05:
Apenas Brasília - 2022
Imagem da autora



Figuras composição 06:
Apenas Brasília - 2022
Imagem da autora



Figuras composição 07:
Apenas Brasília - 2022
Imagem da autora



Figuras composição 08:
Variações da Igreja Dom Bosco - Brasília - 2022
Imagem da autora

Figura 09:
Catedral Metropolitana de Brasília - 2022
Imagem da autora



Figura 10:
Lago Paranoá- 2023
Imagem da autora



Figura 11:
Lago Paranoá e Orla, em dia de regata- 2023
Imagem da autora



Figuras composição 12:
SUPERQUADRA MODELO- 2022
Imagem da autora



Figuras composição 13:
Eixo Monumental com as vista a partir da Torre de TV- 2022
Imagem da autora



Figura 14:
As escalas de Brasília juntas - 2022
Imagem da autora

Notas:

1. A interiorização da Capital foi um assunto vastamente discutido desde o período do império, porém, a ideia não era inicialmente trazê-la para o Centro Oeste, e sim, para Minas Gerais. A vinda da Capital para o Centro Oeste ocorreu depois que JK fez cumprir uma promessa de campanha, onde confirmou que, se eleito, faria cumprir a constituição. Surge Brasília, tão desejada!
2. É normal escutar em Brasília algumas pessoas chamando as Asas Sul e Norte de Plano Piloto", ou no "Plano". Isso acontece devido a referência ao projeto do PLANO PILOTO desenhado por Lucio Costa, Como o plano era um piloto, o nome pegou, e assim segue ao longo dos anos.
3. O Galileu foi um supercomputador que ocupava uma sala inteira, ou duas, sendo utilizado para armazenar dados de trabalho dos Ministérios, na década de 70. Não era uma inteligência artificial, mas, para a época, foi uma grande inovação.
4. Em MATRIX, dirigido por Lilly Wachowski, os seres humanos eram utilizados como uma espécie de combustível para alimentar as máquinas que tomaram conta do mundo. O questionamento aqui é, será que, com o uso da inteligência artificial, vamos deixar de pensar, e nos tornaremos a parte que alimenta, e não a que é alimentada?

Bibliografia:

Chardin, Pierre Teilhard de. O Fenômeno Humano. São Paulo: Cultrix, 1988



● ARTE E HISTÓRIA



Patrícia
Yunes

QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU? TÉCNOLOGIA NA ERA DAS MEGAEXPOSIÇÕES

Mal se despediu o mês de dezembro, com seus indisfarçáveis maus bofes, e janeiro de 2023 surgira esperançoso, de posse de outros humores, perceptivelmente mais leve e otimista que seu predecessor.

O mundo da arte, que nos últimos anos ressentira-se do sabor amargo deixado pela pandemia de COVID-19, recompôs-se em sua melhor vestimenta e seguiu, com intensidade inovadora, rumo a outros projetos. Recolheu o que ficara disperso pelo chão e removeu alguns dos incômodos cacos pontiagudos que lhe atravancavam o caminho.

Somou a experiência conquistada em anos de práticas artísticas àquilo que surgira de positivo no horizonte: a intensificação dos relacionamentos on-line, que favoreceu o processo de venda/compra de obras de arte, o acesso facilitado a textos e palestras, bem como a tão necessária transparência (ainda que relativa) nas transações comerciais e nos respectivos valores. Dos escombros de um período de incertezas ergueram-se novas formas de lidar com a arte. Artistas, público, agentes culturais e instituições (privadas ou públicas), passaram a usufruir, em interrelações cada vez mais estreitas, deste momento promissor.

Na esteira dos bons ventos, ressurgiram os encontros presenciais. Galerias e seus concorridos vernissages, mostras e bienais retornaram ao público, já na primeira quinzena de 2022, com a força das emoções e interesses há muito represados. Em outro ponto da engrenagem, artistas inovaram na utilização ou na combinação de elementos e materiais distintos, talvez como consequência de um longo e profícuo período de introspecção. No entanto, para outros, a reclusão representou o momento favorável à produção escalonada e intensa, ideal para a formação de acervos importantes, prontos para serem apresentados ao público em novas exposições.

No enalço das mudanças nascidas do caos surgiram alterações no conteúdo, associadas ao processo criativo, tanto quanto houve transformações importantes no âmbito da forma. A já experimentada utilização de engrenagens tecnológicas em grandes eventos e a positiva assimilação por parte do público evidenciaram um ponto de atração poderoso, que se intensificou formidavelmente nos últimos anos e cujo início se fizera perceptível muito antes de 2019.

Um dos bons exemplos, quando pensamos em interatividade aplicada às exposições artísticas, foi o formato concebido para a exposição Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mugarbi, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília (2018), após temporada de reconhecido sucesso em São Paulo. Percebemos nas palavras do curador holandês, Pieter Tjabbes, indisfarçável entusiasmo: “A gente viu em São Paulo que Basquiat atrai o público jovem. A reação nas redes foi incrível. Os millennials o veem como um ‘cara da galera’, embora tenha morrido há mais de 30 anos” (apud Clara Campoli, 2018). Notemos que, neste caso, as manifestações artísticas, em perfeito diálogo entre gerações, aproximaram-se de novo público, facilitando o intercâmbio de valores estéticos e culturais ao mesmo tempo em que davam respostas eficientes às demandas comportamentais típicas da **pós-modernidade**.



Figura 01: O campo próximo a outra estrada, 1981
exposição Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mugarbi
Centro Cultural Banco do Brasil

Relataremos ainda outro exemplo de experiência recente que atesta, em letras indeléveis, o grande êxito resultante da utilização de linguagem tecnológica em projetos expográficos. Trata-se da mostra *Beyond Van Gogh* (2022) que levou ao público o que muitos denominam como “linguagem contemporânea por excelência”, traduzida em imagens de realidade 2D e 3D, em uma série de práticas visuais inovadoras e impactantes. Os gráficos que registraram o grande interesse por parte do público, corroborado pelo registro do número de visitantes (centenas de milhares), colocam sob suspeição quaisquer argumentos contrários ao sucesso da exposição e seus voos criativos.

Nesta corrente, que nos assoma inflexível e permanente, vieram outras exposições ao Brasil, dignas das megaproduções cinematográficas hollywoodianas. Até o mês de março de 2023 teremos ***Monet à beira d’água***, em São Paulo. Mostra multimídia na qual os organizadores oferecem, além de experiência em terceira dimensão (distribuída generosamente em espaço de 4.000m²), restaurante e lojinha de souvenirs. O visitante também poderá usufruir do “*Pet Monet*”, para que seu bichinho de estimação não seja privado dessa tarde agradável, em ambiente acolhedor da *Provence* nos trópicos.

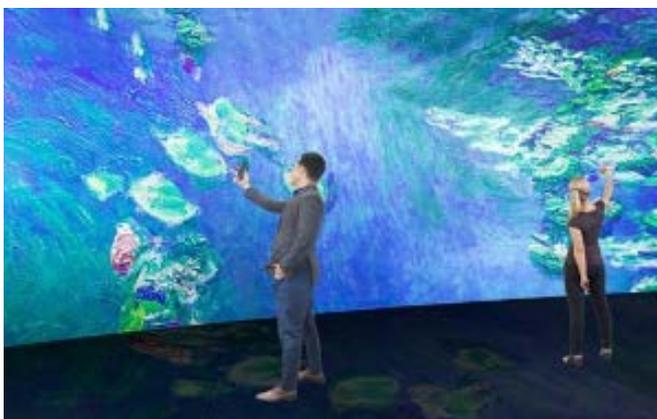


Figura 02: Exposição Monet Le Rêve / Espaço Rise, , 2023

E para aqueles que imaginam não serem suficientes duas ou três superexposições a cada ano, aguardem Klimt: A experiência imersiva. Embora a mostra ainda não tenha data definida para a estreia, os organizadores já podem se vangloriar por ostentarem uma bela e longa lista de espera formada pelos interessados mais ansiosos (ou previdentes). Preparemo-nos para muito breve o anúncio de novo recorde de público e grande repercussão nas redes sociais. Nesse mesmo diapasão teremos ***Michelangelo: O mestre da Capela Sistina*** e ***Imagine Picasso: a exposição imersiva***, ambas no primeiro semestre de 2023.

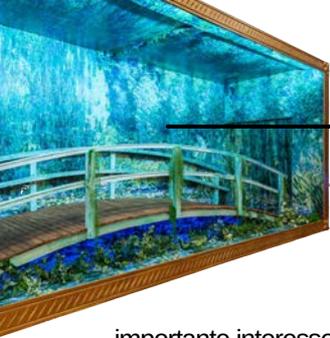


Figura 03: Exposição imersiva de Picasso, 2023
Encore Productions – Laurence Labat

Independentemente de nossa capacidade de absorção das novas tecnologias ou do nível de simpatia que tenhamos por seus métodos, o impacto que formas monumentais, cores, sons e movimentos causam sobre nossos sentidos, explicitam o quão realizadora pode ser esta conexão entre ambos os mundos: o virtual e o real. Por intermédio de nova linguagem, que surge como elemento de integração, a arte aliada a tecnologia encurta caminhos e fisga, com anzóis e linhas bem longas uma boa parte de interessados ainda dispersos ou pouco confortáveis em ambientes mais intimistas.

Em obra escrita no ano de 1993, *Philippe Quéau* pensou, com boa dose de acerto, a sociedade do final do século passado e o ambiente virtual no qual estava inserida. Admite uma possível “hibridização” entre o que é sentido fisicamente, no mundo real e a representação virtual. Entretanto, o autor não se exime de enfatizar suas preocupações quanto à expansão desregrada deste novo ambiente. Direcionando seus apontamentos aos métodos de aprendizagem e às incipientes redes virtuais de socialização, *Quéau*, ao final do texto intitulado *O tempo do Virtual*, relata em tom definitivo que “não há dúvida de que o virtual venha tornar-se então um novo ópio do povo” (QUÉAU, 1993, p. 99).

Seria falha imperdoável e ousaria dizer, certo pedantismo acadêmico, caso não nos curvássemos aos méritos das badaladas exposições interativas. Sobretudo para o público não iniciado na linguagem artística; algumas vezes sectarista, excludente e hermética, a tecnologia torna-se uma aliada de primeira hora levando-se em conta o binômio arte-educação. Fundamental lembrarmos-nos, mesmo que pareça uma obviedade, de que ainda existem, com



importante interesse popular, as exposições mais modestas, em pequenos espaços alternativos ou instituições de menor porte. São vertentes distintas que partem da mesma fonte criadora, cada qual fluindo com o mesmo trem, mas chegando em diferentes estações de acordo com interesses e conveniências pessoais. Imaginemos, dessa forma e sem muito esforço, que o ópio mencionado por *Quéau* pode entorpecer, anestesiá-lo, mas também ser utilizado como potente fonte de alívio e cura.

No entanto, há os que percebem com desconfiança e certo grau de incredulidade a inclusão de excesso de tecnologia em linguagens visuais. Enquanto porta-vozes, cumpre-nos a pergunta inevitável: será que eventos artísticos grandiosos, com ilusionismos gráficos e efeitos especiais luminosos permitem que a arte cumpra seu papel mais nobre como instrumento disseminador de informação, de conhecimento e fomentadora de pensamento crítico? Em linguagem brutal e sintética, reformularíamos a questão da seguinte maneira: quantidade significaria, necessariamente, qualidade?

Alguns autores são explícitos ao abordarem de maneira honesta e desabrida a questão. Em *A Grande Feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea*, Luciano Trigo (TRIGO, 2014, p. 73) não apenas estende a problemática para bienais e exposições de menor porte como realoca o debate inserindo-o no patamar das inquirições éticas. “Submetendo-se à lógica da massificação cultural, a arte vira uma encenação: continuam existindo obras, é claro, mas sua finalidade não é mais artística, e sim, mercadológico-midiática (...)”.

Ao compartilhar pensamento similar, *Will Gompertz*, na conhecida obra *Isso é Arte?*, analisa a temática ancorado em vasta experiência como editor da seção de artes da *BBC* de Londres, diretor de comunicação da *Tate Gallery* e colaborador em importantes revistas e jornais por mais de 30 anos. Na visão de Gompertz “(...) esses ambientes interativos têm algo de fliperama, algo de instalação de arte” (GOMPERTZ, 2013, p. 385). Na mesma obra, em página seguinte, o crítico dispara: “A vasta maioria dos visitantes que faz fila para fazer uma tentativa em, ou sobre, uma dessas instalações ‘experienciais’ encara a experiência como nada mais que uma brincadeira sobre a qual tuitar; a ideia de comunhão com os demais consumidores de arte – muito menos o compartilhamento de ideias – nunca lhes passou pela cabeça”.

Fundamental lembrarmos que **estudos dedicados a uma compreensão** mais sofisticada a respeito dos grandes eventos artísticos não são privilégio dos nossos dias. Há algum tempo pesquisadores de áreas afins à própria filosofia estética procuram deslindar comportamentos e interesses que estariam submersos em exposições e mostras. E sem quaisquer dúvidas, o público frequentador desses ambientes é um dos atores principais desta ópera que transita entre o burlesco e o dramático.

Em adaptação à literatura crítica, o filósofo checo-brasileiro *Vilém Flusser*, que havia colaborado nas bienais de São Paulo entre os anos de 1970 e 1980, escreveu o antológico *Bienal e Fenomenologia*. Por intermédio de analogias, o autor parte da ideia, talvez um tanto jocosa para alguns, de que as bienais estariam destinadas à inutilidade, portanto “inócuas”. Isto ocorreria porque o burguês (ou seja, o público) que a ela comparece, o faz trajando uma espécie de “capa mágica”, cujas tramas foram tecidas com todas as informações artísticas relevantes das quais venha a necessitar durante a visita à exposição.

Estão impregnados nesta vestimenta os dados mentais angariados no decorrer da formação do processo cognitivo de seu dono, como imagens registradas na infância, na casa dos pais ou avós. Também estaria amarrado ao tecido o conhecimento de alguns dos movimentos artísticos ameadados no decorrer dos anos: arte clássica, impressionismo, surrealismo etc. Envoltos nessas informações, o público tornar-se-ia impermeável ao novo, às experiências não vividas e a todos os demais apelos externos que costumam se fazer presentes nas bienais, como debates, instalações, ruídos e outros burburinhos.

Em suma, o autor nos incita à remoção da tal capa a fim de que recuperemos a paixão, o irracional e a perplexidade, estados de espírito imprescindíveis quando inquirimos determinada obra de arte ou quando nos sentimos tocados por algo que nos arrebate. Esta, sim, seria uma bienal da qual teríamos extraído o sumo mais precioso, independentemente das noções de gosto ou da concordância com determinados postulados políticos ou sociais eventualmente presentes.

Existe, de fato, mérito nas instigações de *Wilém Flusser*. Sobretudo quando aquele que se despe da capa mágica, ou seja, do conhecimento prévio estagnador e limitante, incorpora algo que não pertencia ao seu cotidiano ou ao histórico de

suas experiências. Os que lidam com exposições artísticas poderão testemunhar, em ato solene, as incontáveis situações de confronto entre público e obra de arte; o momento exato do nu, autêntico e sagrado, quando a verdadeira mágica acontece.

Redirecionemos, por ora, as elucubrações de *Flusser* e meditemos em nossas realidades inseridas no século XXI. As três gratas décadas de experiências nas artes talvez me autorizem a afirmar que um percentual considerável de frequentadores de ambientes artísticos demonstra interesse em saber o que está diante dos olhos. Qual o material utilizado, em que circunstâncias foi produzido e, por óbvio, considerações a respeito do gosto pessoal, ainda que por legítima vontade de desqualificar a obra, objeto central de suas perquirições. E surge certa, entre língua e dentes, a frase síntese: “não entendo nada de arte, mas...” Que atire a primeira pedra o connoisseur que nunca a escutou.

Estamos no alvorecer de 2023 e o calendário de eventos artísticos nos presenteia com novas exposições. Respiremos a plenos pulmões, removamos nossa capa, independentemente do tipo de mostra artística alvo de nosso interesse e acompanhemos, desarmados de preconceitos e resistências injustificáveis, o que para nós foi adubado, regado e cultivado em horas de empenho. Não sejamos como os ludistas, que na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, vilipendiaram máquinas, frutos da Revolução Industrial, com a intenção pueril, não obstante compreensível, de frear o que fora consolidado pela civilização ocidental; como se os anéis fossem os responsáveis por aquilo que fazem os dedos.



Imagens da autora
Exposição Quase Coloquial/Artista Haegue Yang.
Pina Contemporânea - São Paulo

Usuframos do que as novas tecnologias têm a nos oferecer, quiçá sejam os primeiros passos que antecedem o desabrochar de novas curiosidades, que resultem em mais estudos, que gerem outras dúvidas e uma boa avalanche de questionamentos. Afinal, são eles que nos permitem avançar em solavancos. Que sejam bem-vindas.

Com a intenção de nos inspirarmos, selecionamos alguns dos eventos que ocorrerão em 2023. As respectivas datas foram atualizadas até o momento da conclusão deste artigo, portanto, passíveis de alterações.

Nacionais:

- Monet à Beira D'Água, com exposição aberta até 26 março - São Paulo/SP
- Michelangelo: O Mestre da Capela Sistina - MIS Experience, até 30 abril - São Paulo/SP
- The Art of Banksy, até 30 abril - São Paulo/SP
- Imagine Picasso: A Exposição Imersiva, de 09 março a 18 de junho - São Paulo/SP
- SP-Arte, de 29 março a 02 de abril - São Paulo/SP
- ArPA, Feira de Arte do Pacaembu, de 31 de maio a 04 de junho – São Paulo/SP
- Art-Rio, de 13 a 17 setembro - Rio de Janeiro/RJ
- 35ª Bienal de São Paulo, Coreografias do Impossível, entre setembro e dezembro de 2023 - São Paulo/SP
- Klimt: A Experiência Imersiva, sem data definida - São Paulo/SP.
- FARGO, Feira de Arte de Goiás/GO - 24 a 28 maio
- ArtPE, Feira de Arte Contemporânea de Pernambuco - 11 à 20 de agosto

Realizações a serem confirmadas:

- FBAC, Feira Brasília de Arte Contemporânea, Período de realização em 2023 a ser definido. Brasília/DF

Internacionais:

- Art Basel: Hong Kong – 23 a 25 de março
Suíça – 15 a 18 de junho
Paris – 19 a 22 de outubro
Miami Beach – 07 a 09 de dezembro
- Urban Art Fair, de 13 a 16 de abril – Paris/FR
- Feira do Móvel de Milão, de 18 a 23 de abril
- Bienal de Arquitetura: O Laboratório do Futuro, de 20 de maio a 26 novembro – Veneza/IT
- 12ª Bienal de Liverpool - Liverpool/UK - Entre junho e setembro de 2023

Bibliografia:

GOMPertz, Will. Isso é arte? 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
QUÉAU, Philippe. In: PARENTE, André (org.) Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
TRIGO, Luciano. A grande feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Record, 2014.
JORNAL METRÓPOLES. Saiba tudo sobre a exposição de Basquiat no CCB Brasília", Clara Campoli, 19/4/2018.



● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA



Malu
Perlingeiro

ENTREVISTA COM FABRO

Na 12ª edição da Revista 15.47, o entrevistado pela coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA é conhecido como FABRO. O artista expressa-se por meio da xilogravura e dedica-se a resgatar uma técnica de impressão muito antiga, conhecida desde o século VI, na qual a madeira é entalhada e utilizada como matriz. O uso de tinta sobre o relevo que resta na madeira, possibilita a reprodução de alguma imagem que será gravada em papel com a ajuda de uma prensa.

No Brasil, a xilogravura é muito popular no Nordeste, encontrada nas ilustrações da literatura de cordel.

Seja bem-vindo, Fabro. Conte-nos um pouquinho de sua história. Seu dom artístico está no sangue?

Antes de tudo quero dizer que me sinto muito honrado com o convite para ser entrevistado para a Revista 15.47.

Meu nome de batismo é Marco Antonio Fabro, mas desde o curso primário sempre tive colegas de classe homônimos e a utilização do sobrenome acabou acontecendo naturalmente. Fabro sempre foi o meu nome profissional. Marco Antonio só era usado por minha mãe.

Vários parentes, inclusive meu pai, tinham habilidades manuais e criativas, como um primo que trabalhou muito tempo criando estamparias. Portanto, acredito que em minha arte exista um componente genético.

Onde você nasceu e por onde passou até chegar a Brasília?

Nasci no interior de Minas Gerais (São Sebastião do Paraíso) onde estudei até o primeiro ano do Curso Científico (hoje 2º grau) e, para prosseguir academicamente, precisei sair de lá. Passei por Ribeirão Preto (2º grau), Curitiba (graduação) e Rio de Janeiro (pós-graduação). Sempre na área de Ciências Exatas (Engenharias). Cheguei a Brasília em 1979, onde me radiquei com minha família.

Qual sua formação profissional além de ser artista visual? A arte é apenas um hobby?

Minha graduação foi em Engenharia Química e a pós-graduação em Engenharia Nuclear, área na qual atuei como professor e pesquisador. (UFRJ). Em 1978 fui cedido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para ajudar na estruturação da área de Engenharia Nuclear, como parte do esforço do Governo Federal para a implementação do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha. A cessão foi inicialmente para um ano, mas, em 1979, antes de completar esse prazo, o CNPq foi transferido para Brasília e eu vim junto. E estou aqui... **A arte começou como um hobby e acabou virando profissão, depois que vendi algumas obras.**

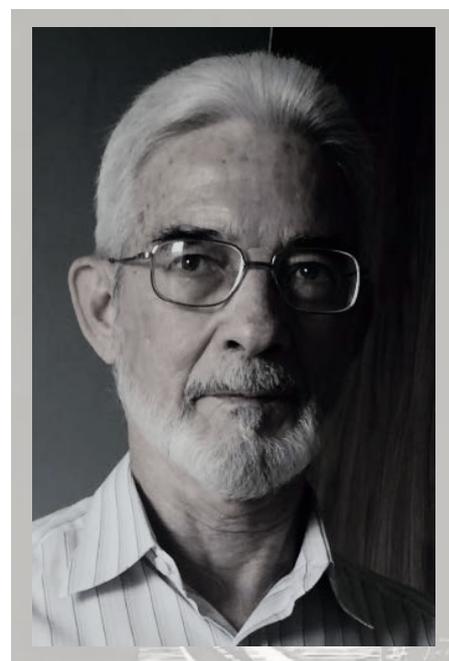


Figura 01: Fotografia do autor

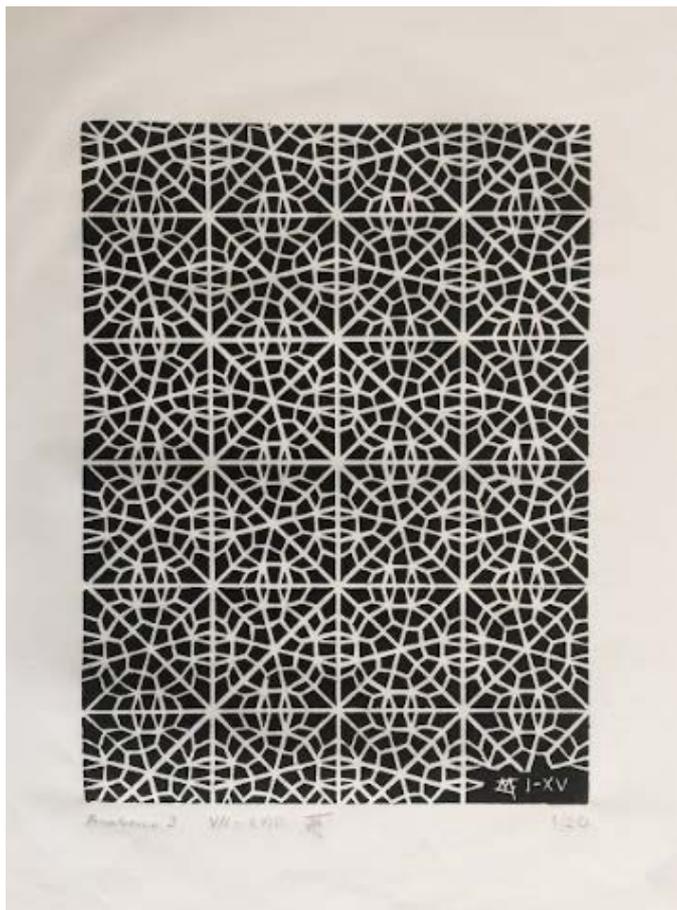


Figura 02: Arabesco

muito. Não havia créditos do autor da capa e só descobri quem era o artista criador da obra muito tempo depois (na época não havia nem Google e nem Internet). Já em Brasília (1987) consegui junto à Embaixada da Holanda, um livro com as obras de Escher. Meu guru até hoje.

Foi só depois que me aposentaram que passei a me dedicar à gravura. Em 2004 fiz as disciplinas de xilo (1º semestre) e calco (2º semestre) sempre com a professora Andréa Campos de Sá – Capi, na Universidade de Brasília (Unb). Começou como terapia e hoje é a minha ocupação.

Você aprecia outro tipo de arte além da gravura? Há quanto tempo exerce e aprimora sua arte?

Além da gravura admiro a pintura e a escultura, mas sempre no estilo acadêmico, com a reprodução detalhada dos modelos.

Há alguns anos venho trabalhando no sentido de conseguir, com a xilografia, transmitir a sensação de claro/escuro, utilizando faixas gravadas com larguras diferentes.

Quase todos os artistas têm um tema mais explorado, mais abordado. O que mais o inspira para desenvolver seu trabalho artístico?

O conjunto de minhas obras revela que tenho, sim, algumas preferências, mesmo que de forma inconsciente. Não há como esconder a preponderância de Veleiros e Nus. Estes provavelmente influenciados por uma frase de Desmond Morris no livro *A Mulher Nua*, no qual ele afirma: “O corpo da mulher é o organismo mais perfeito do Planeta.” Sempre proporciona belas gravuras.

Quando começou a se interessar por desenvolver sua arte? Há quanto tempo a exerce e a aprimora? Qual sua formação como artista visual?

Quando eu era criança, os brinquedos eram raros – e caros! Então a gente tinha que criar os próprios brinquedos o que me levou a desenvolver habilidades manuais. Além disso, no Curso Ginásial (1º grau) havia uma disciplina chamada Trabalhos Manuais. Os alunos eram apresentados às diferentes técnicas, entre elas, macramê, tecelagem e trabalhos com madeira.

Esporadicamente eu fazia algumas talhas ou pequenas esculturas com o canivete (mania de mineiro ter sempre um canivete à mão). Aproveitei as ferramentas da xilografia para fazer uma ou outra escultura, mas não me sinto atraído para desenvolvê-las.

Na cidade onde nasci e cresci não havia nada que pudesse ser considerado atividade cultural, com exceção da Festa das Congadas. Então não tive oportunidade de me aproximar da arte – não havia galerias, bibliotecas, museus... E toda a formação na área de Exatas também não ajudou.

O artista que realmente me marcou foi *M.C.Escher*. Inicialmente vi uma reprodução de uma obra sua (*Drawing Hands*) na capa de um periódico científico que me marcou



Figura 03: Talhas em madeira de 8cm.

A escolha é sempre “natural” – isto é, quando olho para a imagem já vejo a gravura.

São poucas as gravuras nas quais eu criei a imagem. Mesmo nessas, a imagem é feita primeiro em papel e depois transferida para a madeira.

O que mais me inspira a fazer meu trabalho, no fundo, é apenas satisfação pessoal. Desenvolver o trabalho até chegar ao “momento mágico” que é quando vejo a primeira impressão de uma matriz. É muito gratificante!!

Você é cadastrado como artista plástico profissional na Secretaria de Cultura do DF?

Em um primeiro momento cheguei a cadastrar-me na Secretaria de Cultura como Artesão, mas ao receber os primeiros editais para as feiras, conscientizei-me que não era nem artesão, pelos padrões do GDF. Ainda não preencho os requisitos para pleitear a minha inscrição como artista. Um dia, quem sabe...

Seus trabalhos são expostos em galerias e espaços culturais, ou também os expõe em espaços alternativos? São comumente exibidos em redes sociais?

Costumo expor em galerias e espaços culturais, mas já realizei mostras em espaços alternativos. Apesar de a participação em exposições e mostras ter sido muito comprometida por conta da pandemia, recentemente voltei a participar de exposições presenciais, embora minhas obras sejam regularmente publicadas nas redes sociais – Instagram e Facebook (em alguns grupos de gravadores). A interação nas redes é sempre fria e distante. A interação pessoal é insubstituível.

De quantas exposições coletivas participou até os dias de hoje? Realizou exposições individuais? Participou de salões de arte? Recebeu alguma premiação?

Já tive a oportunidade de participar de 25 exposições coletivas. Realizei uma exposição individual, na Pátio Galeria, Pátio Brasil Shopping 1º piso, com curadoria de Malu Perlingeiro, que foi muito gratificante. Durante o período expositivo tive até a oportunidade de fazer gravações ao vivo.

Em duas ocasiões realizei mostras individuais em espaço alternativo, na Confeitaria Padaria Francesa, ambas com a Curadoria de Malu Perlingeiro.

Um de meus trabalhos foi selecionado para a Bienal de Artes do Serviço Social do Comércio (SESC) em Brasília (2018) e três outros foram selecionados para o XLII Salão de Artes Riachuelo (2022) que me renderam uma Menção Honrosa, o que me deixou muito contente. Outra obra faz parte do acervo do Museu Casa da Xilogravura em Campos do Jordão.



Figura 04: NUDE 4



Figura 05: Borboleta

Fale sobre os trabalhos mais importantes, que lhe trouxeram maior satisfação ao realizá-los.

O trabalho mais marcante para mim é o Cavalo Árabe, porque foi com ele que percebi a possibilidade de tentar acrescentar a sensação de claro/escuro na xilogravura.

Quais seus planos artísticos em relação ao futuro? Como gostaria que sua arte fosse lembrada?

A pandemia frustrou a minha tentativa de retomar a calcografia. Espero conseguir recuperar os contatos com a Professora Andréa Campos de Sá para esclarecer algumas dúvidas que tenho sobre a técnica. Esse é meu objetivo.

Para o futuro, gostaria que minhas obras fossem admiradas pela dedicação e carinho com que foram feitas.

Deixe aqui uma mensagem para Brasília pela comemoração de seus 63 anos.

Brasília é uma obra monumental que, apesar de seus 63 anos, ainda está sendo construída. Dá tristeza ver que seus objetivos iniciais estão sendo esquecidos, ou pior, atropelados. As invasões de terras públicas seguidas da “regularização” e o abandono dos edifícios e monumentos que são Brasília.

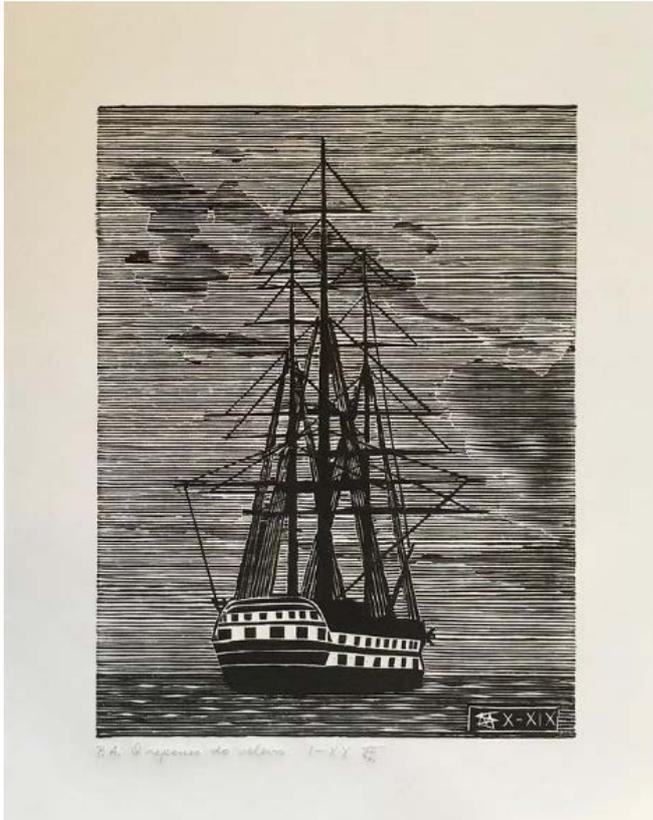


Figura 06: O repouso do Veleiro
Xilogravura tamanho A4
Menção Honrosa no XLII Salão de Artes Riachuelo.



Figura 07: Mau tempo
Xilogravura tamanho A4
Menção Honrosa no XLII Salão de Artes Riachuelo



Figura 08: Marlim



Figura 09,10,11 e 12: Processos de xilogravura
Imagens do autor



Figuea 13; TIGRE III / resultado final /
Xilogravura Tamanho A4
Imagens do auto



João
Diniz

FOTOGRAFIA DA ARQUITETURA OLHAR É ESCOLHER - Aforismos

Em arquitetura não existe
tradução, ela é poliglota.

Às vezes a arquitetura é desconhecida
porque reserva surpresas.

Arquitetura pode ser a resposta para
uma pergunta que ainda não existe.

Algumas arquiteturas e arquitetos de
tão eficientes são invisíveis.

Arquitetura é...

...um dos muitos sentidos humanos.

...uma dignidade que não pode ser destruída.

...um silêncio eloquente.

...quando a excelência é humilde.

...o que interessa a todos.

...é sempre amiga do planeta.

...maior que os arquitetos.

Arquitetura é...

...tolerância.

...consenso.

...o futuro da história.

...um manifesto de justiça social.

...construção com alma de gente.

...quando a beleza é de todos.

...a complexidade percebida pelas
pessoas mais simples.

...a nova velha dimensão do humano.

...o lugar comum que é inédito, e
onde o surpreendente é gentil.

...uma 'performing art' onde quem faz a
performance é o usuário.

...a matéria do vazio e a alma da pedra.

...a justiça do espaço.

...a festa onde todos estão convidados.

Na boa arquitetura reina a amizade.

O homem precisa aprender a fazer arquitetura
como fazem alguns animais.

Na boa arquitetura não existem disputas.

Arquitetura faz dos arquitetos bons operários.

A arquitetura verdadeira não está
interessada em se impor.

Algumas arquiteturas geniais
nunca pensaram em sê-lo.

A arquitetura desperta virtudes.

Uma das maiores tragédias da arquitetura
são os projetos mal pedidos.

A arquitetura só é bela quando está
socialmente engajada.

Arquiteturas verdadeiras dispensam explicações.

A boa arquitetura é sempre
um gesto de vanguarda.

Bibliografia:

DINIZ, João. cronos trôpego: aforismos do tempo. AFORISMOS. rev. ufmg, belo horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 224-231, jan./dez. 2016

● CONEXÕES URBANAS

Lucas
Pontes

| POESIA II

A saudade é um sentimento intrínseco ao ser humano. Uma nostalgia que nos invade e nos faz lembrar de momentos, pessoas e lugares que marcaram nossa trajetória. Neste momento, meu coração se enche de saudade de Brasília, da minha família e dos pontos turísticos que lá se encontram. Contudo, não se trata de uma saudade comum, mas sim de uma saudade que se mistura com a esperança de um futuro melhor para o meu país e para o lugar onde atualmente resido, Buenos Aires.

Brasília, cidade planejada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, é um lugar que transpira arte e arquitetura em cada esquina. O Palácio do Planalto, o Congresso Nacional, a Catedral de Brasília, são apenas alguns dos ícones que me fazem lembrar a grandiosidade da capital federal. A saudade é inevitável, mas não só da beleza dos prédios e da organização urbana. É uma saudade dos momentos em família, das risadas, dos abraços apertados, das histórias contadas e das memórias compartilhadas. Mas mesmo com a saudade apertando o peito, a esperança de um futuro melhor para o país é maior.

Desde que vim morar em Buenos Aires, percebi que a saudade não seria a única sensação presente no meu coração. Há também a esperança de um futuro melhor. Argentina é um país encantador, mas que infelizmente vem passando por muitas dificuldades políticas e econômicas nos últimos anos. Contudo, mesmo diante das dificuldades, a esperança é o que nos move para frente.

A esperança de um país mais justo, mais igualitário, mais solidário. E nesse ponto, não posso deixar de citar o governo Lula. Um governo que teve seus altos e baixos, mas que conseguiu transformar o país e mudar a vida de milhões de brasileiros. O Bolsa Família, o Fome Zero, o Programa de Aceleração do Crescimento, são apenas algumas das políticas públicas que transformaram o Brasil durante o governo Lula. E mesmo com todas as críticas e tentativas de desqualificação, a esperança de um Brasil melhor se mantém viva.

E é essa esperança que me move também em Buenos Aires. Esperança de que as políticas públicas possam mudar a realidade de milhares de argentinos. Esperança de que a política possa ser feita com ética, transparência e diálogo. Esperança de que o futuro seja melhor que o presente.

Por fim, a saudade e a esperança caminham juntas. Saudade de um passado que não volta mais, mas que deixa boas lembranças e aprendizados. Esperança de um futuro melhor para o meu país e para a Argentina. E assim, sigo em frente, com o coração apertado pela saudade, mas com a alma leve e cheia de esperança.

Imagens: Lucas Pontes (recortes) - Brasília, 2022

● OLHARES

Mariana
Almada

CARNAVAL NO ESTILO DO BOI

Fotografia por Mariana Almada



Dessa vez os registros foram em São Caetano de Odivelas, (município do Pará e uma região de mangues), uma festa que é típica do mês de junho mas que passou a compor a programação do carnaval, o boi de máscaras.

Na ocasião, segue a banda de músicos tocando marchas tradicionais, o boi de máscaras (Boi Faceiro, Boi Tinga e Vaca Velha), que diferente do boi bumbá é conduzido por duas pessoas, são “os pernas do boi”. Também outras personagens fazem parte da brincadeira, são elas: o Pierrô (figura do carnaval de Veneza) e os cabeçudos (bonecos divertidos com cabeça grande de papel machê, e corpo pequeno). Cada boi sai do seu curral (lugar onde fica, geralmente a casa do coordenador cultural) e ali se concentram as pessoas para o arrastão que a festa faz nas ruas da cidade.

Nos conta Rondi, professor e produtor cultural, que após cinquenta e um anos de surgimento do boi, houve um resgate da história por meio de um grupo de teatro. E eis que novamente o boi surgiu!

Conheça a seguir o carnaval de São Caetano de Odivelas (PA), em 2023.











SAIBA MAIS
SOBRE O TRABALHO DE
MARIANA ALMADA



Veja aqui!

Notas:

1. Conheça mais sobre o belíssimo trabalho de Mariana Almada nos links:

www.olhares.com/MarianaAlmada

<http://www.flickr.com/photos/116894713@N07/>

<http://marianaalmada-janelasdaalma.blogspot.com>



● GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA

NOSSA CULTURA

Juliana
Rampim

CARNAVAL, LIBERDADES E UMA RECEITA PARA DEPOIS DA ABUNDÂNCIA

O Carnaval é um dos meus períodos preferidos do ano, embora quem me conheça pessoalmente diga que não é algo que esperariam. Costumo ser um pouco introvertida e confesso que adoro ficar em casa, ficar sozinha e também que o sedentarismo de uma doutoranda em fase final de escrita da tese é grande. Porém, adoro Carnaval! Adoro as fantasias, as músicas, os blocos, a ideia de poder sair de casa durante o dia, cheia de brilhos e cores, para dançar e sentir aquela alegria coletiva da cidade. Imagino que também tenha a ver com podermos brincar de não levar a vida tão a sério durante esses dias.

Para essa edição, confesso que custei a encontrar relações bacanas do Carnaval com a comensalidade. À primeira vista, a única que me vinha eram as comidinhas pós-ressaca. Pareceu-me óbvio demais, embora eu ainda ache válido colocar a receita de mingau de alho que meu pai faz! Entretanto, sigo diversos perfis no Instagram que abordam alimentação, e um deles trouxe uma curiosidade muito interessante que decidi compartilhar aqui. O perfil se chama **Comer História** (@comerhistoria), projeto de três historiadores.

Cena de Carnaval (1822-1823) - Debret
National Library of Australia Montagem.

A página fez um post sobre o chamado Entrudo – ou Introito, antigamente – período que se refere aos dias antecedentes à quaresma. A explicação vem do lexicógrafo Antônio Moraes Silva que o descreve como “uso entre nós divertir-se o povo com se molhar, empoar, fazer peças e outras brincadeiras, e banquetear-se”. Uma despedida para a Quaresma, cheia de excessos em todas as instâncias. O mais interessante da publicação é um poema de Gregório de Matos, “confusão do festejo do Entrudo”:

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,
Os perus em poder do Pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o Taverneiro,
Com réstias de cebolas dar pancadas.

Das janelas com tanhos dar nas gentes,
A buzina tanger, quebrar painelas,
Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,
Despejar pratos, e alimpar tigelas,
Estas as festas são do Santo Entrudo.

A descrição de Gregório de Matos apresenta claras referências culinárias, o que nos leva a perceber seu papel significativo no Entrudo, o antigo carnaval, quando as amarras eram flexibilizadas. A comida em abundância simbolicamente carrega significados morais que podem ser associados à liberdade vista como excessiva pelos moralistas. Não por acaso a

gula é considerada um pecado capital em algumas religiões (embora nenhum deles esteja explicitamente na Bíblia, a associação é comumente maior com a Igreja Católica).

Penso que em épocas de privação, os banquetes se aproximam da libertação das amarras sociais de contenção que abrangem também outras áreas da vida. Comer bem e muito soa tanto como uma afronta quanto outros dos “pecados capitais”. Hoje percebo, isso com base apenas nas minhas próprias experiências carnavalescas, que a alimentação não é tão protagonista do Carnaval como as danças, a sexualidade, a sensualidade e as drogas lícitas e ilícitas. Contudo, o sentimento de libertação permanece em sua raiz cultural. Nesses dias, somos menos convencionais e nos permitimos mais. Depois de quatro anos de muito falso moralismo e pouca preocupação com as pessoas, que possamos nos despir do primeiro e nos faltar da segunda. Que vivamos nosso Entrudo como Gregório descreveu. **Viva o Carnaval brasileiro, maior expressão coletiva simbólica da alegria do nosso país!**

Boas dicas

...para seguir no INSTAGRAM

@comerhistoria
@capituvemparaojantar
@adoceiraselvagem
@comidanacabeca

Para ouvir na plataforma Spotify, a playlist do meu bloco preferido em Brasília, **Bloco das Divinas Tetas:**

Escuta!



Para comer depois daquelas bebidinhas, seja no Carnaval, seja em outra ocasião:

Mingau de alho

Ingredientes:

1 cabeça de alho, moído
azeite, sal e pimenta do reino a gosto
1 xícara de fubá
4 xícaras de alho

Modo de preparo:

Refogue o alho no azeite, já com o sal para não queimar, até que fique quase dourado (se você prefere o gosto de alho mais ameno, diminua a quantidade e doure). Acrescente a água fria e também o fubá, mexendo sem parar para não empelotar. Mexa por cinco minutos após a fervura, em fogo baixo, para que o fubá cozinhe bem. Acrescente a pimenta do reino e está pronto. Esse prato tem bastante sustância e o alho ajuda o corpo a se recuperar dos excessos. Às vezes colocamos um ovo para cozinhar quando o mingau já está fervendo (ele fica firme e bem cozido ao final), mas algumas pessoas não gostam, então fica a critério do cozinheiro!

Cena de Carnaval (recorte) – 1822/1823 – Debret
National Library of Australia



Carlos
Eduardo
Garcez

● O NOBRE CAFÉ

O CAFÉ TRADICIONAL E O CAFÉ ESPECIAL

E Seja em casa, no trabalho ou numa cafeteria o hábito de consumir café faz parte da vida de muitas pessoas. Esse hábito aliado ao consumo de café de qualidade traz benefícios a saúde do consumidor. Nesse artigo trarei algumas informações acerca das diferenças entre café tradicional e o café especial e os benefícios do consumo de cafés especiais.

O café é uma bebida extremamente popular em todo mundo. No entanto, nem todo café é igual. Existem duas categorias principais de café: o café tradicional e o café especial. Embora ambos sejam derivados da mesma planta, há diferenças significativas entre eles em termos de sabor, qualidade e processo de produção. O café tem uma importância fundamental na economia do Brasil, o país é o segundo maior consumidor da bebida no mundo e, em 2022, foram produzidas 50,38 milhões de sacas. Desse montante, quase 70% é exportado e o restante fica para consumo interno e o que fica para o consumo interno, apenas 9% são de cafés especiais e os outros 91% são de cafés tradicionais. Sendo assim a maior parte dos cafés de qualidade estão sendo consumidos nos outros países enquanto por aqui consumimos café de qualidade inferior.

Levantamento feito em 2021 pela Federação dos Cafeicultores do Cerrado aponta que o consumo de cafés especiais no Brasil tem registrado um aumento médio anual de 15%. Esse crescimento demonstra uma mudança de hábito no consumidor brasileiro, que está trocando o café preto por um café de melhor qualidade. Daí a importância de saber o que é o café tradicional e o que é o café especial, diminuindo assim as possíveis dúvidas na hora de adquirir e consumir seu café. Você verá agora as principais diferenças entre os cafés especiais e os cafés que estamos acostumados a beber no Brasil e entender a importância de saber a origem e a qualidade do que consumimos.



O café tradicional

Segundo a ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café), café tradicional “é o café do dia a dia com qualidade recomendável e custo acessível”. Esses cafés são a mistura dos grãos da espécie arábica (rica em sabor e óleos aromáticos) e conilon (tem um trato mais rude e são considerados de qualidade sensorial inferior). Com essa mistura o produto perde complexidade e acidez. Além do quê, o seu custo é reduzido, pois o café conilon tem valor inferior ao café arábica pois tem uma baixa complexidade sensorial em comparação ao à arábica e menor custo de produção.

O café tradicional possui sabor intenso e amargo. São disponibilizados no mercado em embalagens tipo almofada ou fechadas no sistema de vácuo. É aquele café preto, com uma torra muito acentuada, comumente chamado de café forte ou extraforte e que já vem moído, bem fino. Esse café é produzido em grande escala e alguns possuem selos de comprovação, por exemplo, o selo de pureza da ABIC, que foi criado para garantir que o pacote de café seja composto apenas por grãos de café e não possui misturas de outros alimentos (milho, soja, etc).

A categoria Tradicional aceita uma quantidade de imperfeições na produção na ordem de 30%, isso significa que quase um terço do peso de uma embalagem de café desta categorial está com grãos fermentados indesejavelmente, verdes, passados e caso não haja garantia de pureza, pode haver cascas, folhas e gravetos torrados no produto por isso a coloração tão escura e o gosto tão amargo ser característico deste tipo de produção sendo uma forma de mascarar essas condições do produto. O problema é que esse tipo de torra mascara os defeitos do café de baixa qualidade e faz com que os nutrientes sejam perdidos.

O café especial

Café especial é o termo utilizado para nomear o café de mais alto nível disponível no mercado. A nomenclatura foi citada pela primeira vez em 1974 pela norueguesa Erna Knutsen na edição impressa do Tea & Coffee Trade Journal.

De acordo com a *Brazil Specialty Coffee Association* (BSCA), cafés especiais são grãos isentos de impurezas e defeitos que possuem atributos sensoriais diferenciados, são produtos finíssimos, de qualidade muito acima da média, valorizados de acordo com a sua escassez, qualidade do grãos e atributos sensoriais. É um produto diferenciado e quando extraído oferece uma bebida limpa e doce, corpo e acidez equilibrados. Além da qualidade intrínseca, os cafés especiais devem ter rastreabilidade certificada e respeitar critérios de sustentabilidade ambiental, econômica e social em todas as etapas de produção.

Ele recebe atenção especial desde o plantio (variedade, tipo de solo, altitude, temperatura, clima) até a etapa da torra. A seleção de grãos é rigorosa e o ponto da torra é mais preciso. São realizados testes de perfis de torra, para construir uma curva de torra que evidencie todas características boas e naturalmente identificáveis dos grãos, para que a própria origem dele nos remeta a notas frutadas, achocolatadas e até florais, com acidez agradável de frutas cítricas ou vermelhas, ou até mesmo uma acidez málica (maçã).

O café é uma fruta e, assim como qualquer outra fruta, o seu adequado e excelente tratamento trará benefícios na sua xícara.



Muito mais do que está na sua xícara, o café especial sempre estará conectado com a sua origem, com a história de quem o produziu e com a consciência sustentável da sua produção.

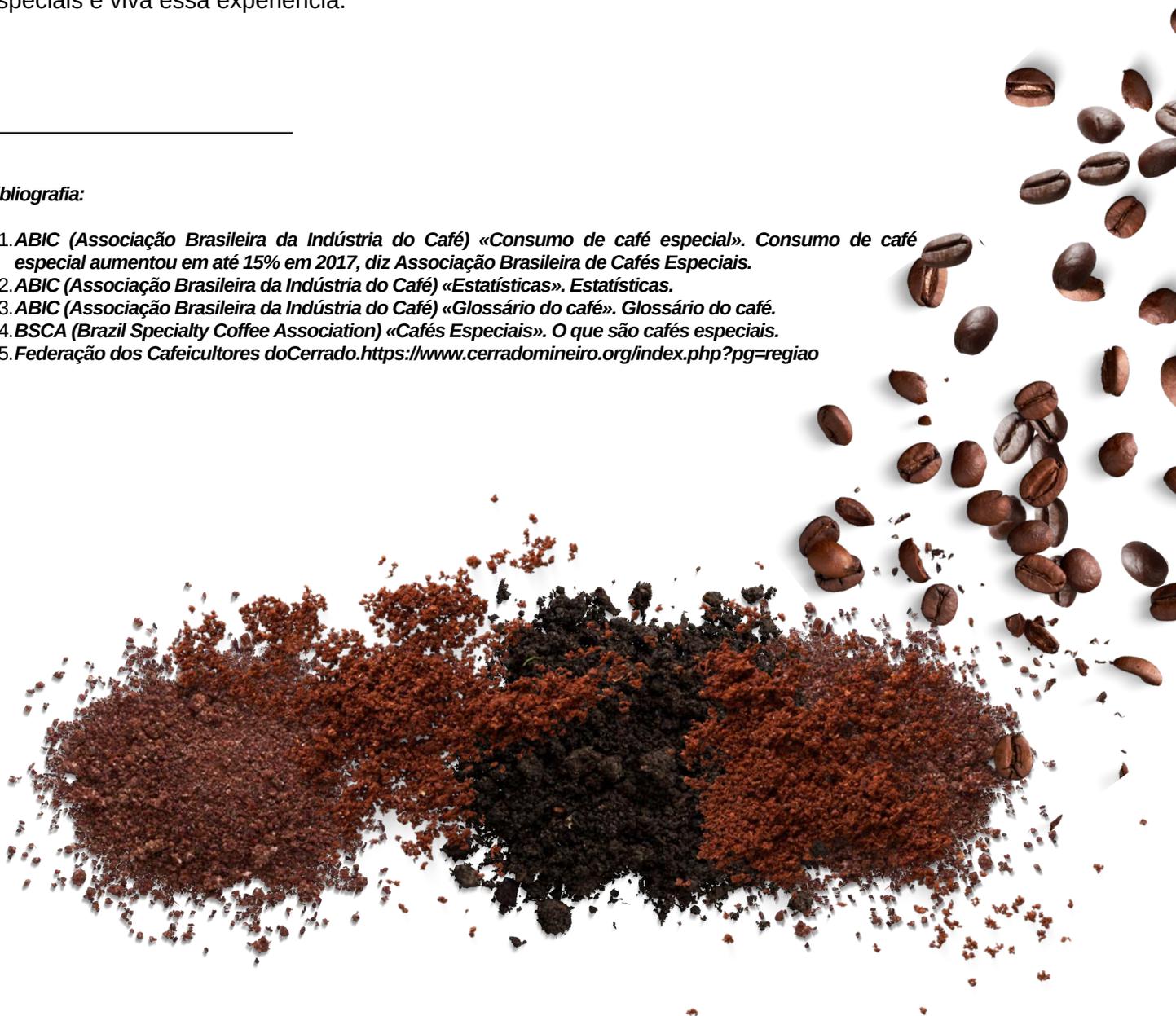
Mas não é só notas sensoriais, vai muito além da bebida de qualidade. Ele representa todo o esforço e trabalho de uma cadeia de produção, que começa na lavoura e termina com um excelente grão na cafeteria de cafés especiais ou na sua casa. Tudo isso envolve diversos profissionais que estão preocupados em entregar um nível de qualidade altíssimo na sua xícara.

Os cafés especiais carregam os sabores e aromas de onde foram cultivados, valorizando o trabalho de pessoas que dedicam suas vidas ao café.

Foram apresentados aqui alguns motivos para te convencer que vale a pena investir em tomar um café melhor. Dizem no meio, que o mundo dos cafés especiais é um caminho empolgante e sem volta. Quer iniciar uma jornada única e inigualável pelo mundo dos cafés especiais? Visite uma cafeteria de cafés especiais e viva essa experiência.

Bibliografia:

1. **ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café) «Consumo de café especial». Consumo de café especial aumentou em até 15% em 2017, diz Associação Brasileira de Cafés Especiais.**
2. **ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café) «Estatísticas». Estatísticas.**
3. **ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café) «Glossário do café». Glossário do café.**
4. **BSCA (Brazil Specialty Coffee Association) «Cafés Especiais». O que são cafés especiais.**
5. **Federação dos Cafeicultores do Cerrado. <https://www.cerradomineiro.org/index.php?pg=regiao>**





Luiza
Junior

Angelina
Quaglia

● GASTROCITIES
DUAS MINEIRAS NA BAHIA

O QUE É QUE A BAHIANA TEM?
DOS TERREIROS PARA A MESA



Não sei se todos sabem, mas o acarajé, a farofa que acompanha os feijões e feijoadas nas nossas mesas, o abará, o caruru, prato delicioso, feito com quiabo, e o manjar, uma sobremesa muito saborosa, são comidas oferecidas aos orixás. Sabiam disso?

Penso nisso todas as vezes que vou na Feira da Torre, em Brasília, e sinto o delicioso cheiro do acarajé, que, por sinal, é das comidas baianas a mais consumida e conhecida, e está francamente associada como a preferida do orixá Iansã (palavra de origem iorubá), o orixá da fertilidade, da maternidade e da vida, o princípio de tudo, como explicou Luiza Junior, jornalista, historiadora, e nossa colunista.

Acredito que dois sentimentos antagônicos acontecem quando imergimos no processo de reconhecimento sobre os alimentos de origem africana, tão importantes para a manutenção da vida e da religião dos povos sequestrados para o Brasil. O primeiro deles é a tristeza por sabermos que a culinária da qual estamos falando, existe aqui por uma questão de sobrevivência e manutenção das tradições dilaceradas quando no processo de escravidão. Eram muitos os povos, com culinárias variadas, e carregavam consigo tradições distintas, que precisaram ser misturadas entre si para garantir a sobrevivência das raízes e passagem de conhecimentos para as gerações seguintes, como

afirmou o pesquisador autônomo de história Victor Berçott. O segundo sentimento é o de gratidão por podermos receber os variados quitutes que aqui permaneceram, compondo boa parte das nossas

tradições gastronômicas. Bem como outro grande exemplo de tradição adquirida vem ser a farofa, alimento de Exu, guardião dos caminhos, e que está presente na culinária brasileira em grande escala, em especial no nordeste e norte do país. Quem nunca comeu feijão com farofa, ou escutou histórias onde a farinha era o único alimento disponível em tempos de escassez? A farofinha está presente em churrascos, no natal (dentro de perus e frangos), misturada ao feijão para fazer o "tutu", e por aí vai, como lembrou-nos a chef, designer e cineasta Beatriz Berçott, também nossa colunista.

Aliás, o tão citado feijão, está presente no abará, que embalado com palha, forma mais uma das boas iguarias oferecidas aos orixás, e que também comemos como comida tradicional baiana! O feijão maravilha, que junto ao arroz, integram nobremente a nossa gastronomia e as cestas básicas Brasil a fora!

Sem a tradição de "enfronhar o alimento", não se faz uma boa comida baiana, como nos lembrou Luiza Junior, ao contar que os africanos que vieram sabiam transformar o alimento, trazer gentileza ao cozinhar, ao escolher o quiabo, o feijão, a folha da bananeira, e fazer com alma a boa comida. A BAIANA sabe disso, e é isso que a baiana tem! Tem essa força, esse carinho, essas vidas todas que seguem na alma e no sangue, na cor linda da pele, juntando toda a tradição dos seus antepassados, geração após geração, caminho por caminho, luta por luta, fé por fé, até chegar em nós a comida bem feita, e bem ofertada! Como no candomblé, que juntou, agregou, e fez nascer uma nação vinda de muitas, assim é o "tabuleiro da baiana"! São costumes, gostos, temperos e formas de cozinhar que renovam a vida dos que aqui estiveram, antes de todos nós.



Quer saber mais? Na próxima edição contamos, eu e Luiza Junior, sobre o que é que a baiana tem!

● FILOSOFANDO



Eduardo
Oyakawa

DOSTOIÉVSKI E A QUESTÃO DA LIBERDADE

Dostoiévski (1821-1881) possuía não apenas uma visão pessimista como também verdadeiramente trágica da condição humana. Isto significa, em um primeiro momento, a tenaz suspeita de que a pretensão do homem à autossuficiência (que a filosofia grega denominou *auto pistis*) está preliminarmente fadada ao fracasso.

Mas quais seriam as causas dessa incapacidade estrutural? Essencialmente, duas: a primeira, de ordem epistemológica, pois a razão – esta faculdade que nos distingue dos outros animais – seria incapaz de nos proteger dos imperativos da contingência, das incertezas que nos devoram constantemente.

A segunda desconfiança baseia-se em nossa liberdade ou autonomia moral (entendida como escolha da melhor vida a ser vivida) fundada em uma vontade que, não raras vezes, é inimiga da virtude racional e propende ao excesso, à desmesura dos prazeres, suscitando, assim, a violência intersubjetiva, especialmente aquela responsável pela diluição (na medida em que não seja controlada por uma ordem externa) da tessitura política-jurídica que envolve os homens num lugar-comum.

A denúncia às pretensões da razão e da liberdade humanas conforma o Topoi das mais importantes personagens de Dostoiévski.

Entretanto, devemos ter redobrada atenção quando abordamos esse tópico. Não nos esqueçamos de que, para o autor russo, só existe uma autêntica liberdade: aquela que nos “desumaniza”, convidando-nos a mergulhar nas aporias existenciais e na fragmentação “perspectivista” inerente à nossa alma profunda, atormentada por contradições dilacerantes.

A liberdade destituída desse caráter trágico, ou seja, a mera liberdade vinculada à subjetividade autossuficiente, à decisão moral e ao desfrute de prazeres impermanentes, aprofunda-nos nos miasmas do enfado e nos compromissos pragmáticos da vida, e em nada poderia auxiliar-nos diante do sufocante abismo de nós mesmos.

Assumir sem tergiversações a liberdade autêntica dos subterrâneos – da heteronomia humana – é dar voz à dor do homem, que não encontra sentido existencial para a sua vida, posto que está preso à indiferença de um cosmos repetitivo e longínquo, tendo que deixar, por assim dizer, o ouvido colado à terra para escutar o canto desesperado da humanidade e pressentir a palpitação do sofrimento no âmago das coisas criadas, identificando-se, pela miséria ontológica, com os seus semelhantes.

Sem essa liberdade trágica e a representação simbólica das mazelas do mundo, mesmo o pensamento mais sofisticado (baseado tão somente na autonomia racional/moral do sujeito), perde seu direito de existir.

● CRÔNICAS COTIDIANAS



Ellaine
Toledo

REZA A LENDA...

Que ninguém abre mão de uma boa lenda, não é novidade! Muitas inclusive servem de inspiração até mesmo para os mais desatentos, e esse é o caso de uma lenda medieval sobre uma mãe pelicano, que que este inspiração dá um verdadeiro show.

Reza a lenda, que uma mãe pelicano saiu de seu ninho em busca de comida para os seus lindos filhotes recém-nascidos, mas não percebeu que à espreita estava um terrível predador, apenas esperando uma oportunidade para atacar o seu amado ninho.

Quando a mãe pelicano saiu do alcance de suas vistas, o predador sem a menor decência, atacou os frágeis filhotes devorando um a um, deixando no ninho apenas as pequeninas ossadas com raras penugens.

Quando a mãe pelicano retornou, aterrorizada viu a tragédia que acabara de acontecer e com profunda tristeza atirou-se sobre os corpos dos filhotes e chorou por horas. Esgotadas todas as lágrimas, num ato de extrema compaixão e desespero, começou a bicar o próprio peito, fazendo cair sobre os pequeninos corpos o sangue que jorrava dos ferimentos auto infligidos.

Na sua imensa dor, não notou que as gotas do seu sangue aos poucos, inexplicavelmente, restabelecia a vida dos seus inocentes filhotes mortos, desta forma, o sangue de seu doloroso sacrifício e amor ressuscitou a sua família.

A partir desta lenda, belíssimos contos e tradições surgiram tornando o pelicano símbolo máximo de piedade, sacrifício pessoal, amor, doação e dedicação à família e ao outro, fortalecendo a importância de pensar no coletivo.

Com forte simbolismo em variadas culturas e doutrinas pelo mundo, o pelicano nos propõe uma forte reflexão sobre o poder inquestionável do altruísmo, comportamento que denota elevados princípios como o respeito, solidariedade, compaixão, doação, interesse, bondade e amor ao próximo desprovido de qualquer interesse pessoal. O pelicano, através do seu esforço e renúncia, anuncia ao mundo o grande poder que se sobrepõe a qualquer sacrifício, o amor.

Vale refletir, brilhe e deixe brilhar!
Sucesso!

● E SE A VIDA FOSSE UM FILME?



Beatriz
Berçott

ANymORE

"(...) That long black cloud is comin' down"

Bob Dylan (1973)

Sabe quando você recebe uma notícia ruim, e fica meio anestesiado, e sua mente turva, como se uma névum escura descesse, e tudo ficasse muito difícil de pensar, e sem entender o que está acontecendo em ao seu redor, o mundo desaba? Essa música me lembra esses momentos.

Quando Bob Dylan escreveu "Knockin 'on heaven's door", em 1973, para a trilha sonora do filme "Pat Garrett e Billy the Kid" (1), talvez não imaginasse que, para mim, serviria como uma espécie de explicação para quando não consigo entender notícias ruins, dadas de forma muito rápida, como se um carro batesse de frente numa bicicleta, sendo que eu sou a pessoa da bicicleta. Bob Dylan nem sabia disso, mas fez essa música para mim!!!

O ano de 2022 foi muito complicado, repleto de notícias ruins, perdas, em especial da O'Maley, meus olhos e um descolamento de retina que foi curado graças as mãos de uma japonesa linda e super profissional (um viva para a Dra. Liene Midori), minha mãe com uma enxaqueca surreal, e um câncer, duas mudanças de casas, mudanças de vida - no sentido de reformulação de ideias na formas de pensar e agir -, e com isso, crescer mais um pouco.

Tudo isso permanece como um ressoar dentro dos meus pensamentos, mesmo que tenhamos (eu e a minha família), depois de uma jornada repleta de névums escuras que pairaram sobre nós, e das armas que nos foram tiradas, as nossas vozes. Depois de mentiras e injustiças, não foi fácil levantar do chão e retomar a "batalha", sem distintivo e armas, com uma névum enorme tampando o sol, e perto das portas do céu. Mas tivemos um lado bom nisso tudo. Descobrimos que os amigos, a família que escolhemos, foram suporte, os médicos, idem, alguns tornando-se amigos para a vida toda, e vimos que a estrada pode ser árida, mas que juntos, quatro de nós valeram mais que cem pessoas.

Entendam, caso estejam passando por algo parecido saibam que, distintivos retirados são apenas objetos, as armas são nossa força interior, e seguir sem desistir, é necessário.

Siga em frente mesmo que tudo doa por dentro. E por favor, nunca morra!

Notas:

(1) Este filme de western, ganhador do prêmio BAFTA de Cinema em 1974 como melhor Trilha sonora, e melhor ator estreado, teve como diretor Sam Peckinpah, e trata da história de um fora da lei que virou xerife, e tem como objetivo capturar e matar(algo assim) seu antigo amigo. O filme entrou para o grupo dos clássicos que não podemos deixar de assistir, em especial porque todos conhecem Knockin' On Heaven's Door, seja pela voz de "area" de Bob Dylan, seja por meio da voz aveludada e rouca de Axl Rose, da banda de rock Guns N' Roses.

Escuta aqui!





Marta
Simone

O ENCONTRO

Não era a primeira vez que ela fazia isso, mas, de alguma forma, sentia que desta vez seria diferente, talvez por ser a primeira vez em sua Cidade Natal, talvez por ter tentado não nutrir altas expectativas...ela não sabia ao certo...mas algo lhe dizia que seria diferente. E foi.

Desceu do Uber ainda preocupada se o Batom contornava seus Lábios de forma Perfeita, e se o Perfume estava na dose certa. Não resistiu, e tirou da Bolsa um pequeno espelho que a acompanha há anos, e que tem sido testemunha fiel das mudanças que o tempo traz ao rosto e ao corpo de uma Mulher. Após a breve conferida, percebeu que estava Ótima! Ou, ao menos, é o que ela preferiu achar a partir daquele momento, pois não existia mais tempo hábil para achar qualquer outra coisa que não a deixasse Fortalecida e em Paz com a sua própria Aparência! Ajeitou suavemente o Vestido e, finalmente, entrou.

Era um daqueles Simpáticos Cafés que funcionam em forma de Buffet com comidinhas Regionais.

Parada em frente à Porta do Café, seu olhar passeava rapidamente pelo Salão tentando identificar aquele que, durante 04 ou 05 meses, conhecera apenas virtualmente. Um Homem acena com um “Boa Noite, Senhora”, ela vira rapidamente, mas percebe que era apenas o Garçom, “Boa Noite, Seja Bem Vinda!” Já conhece o nosso Café? Não, é a primeira vez que venho aqui, responde ela em um tom que mesclava ansiedade com desconfiança, e um toque de “constrangimento”, uma espécie de flash conjuntural de Emoções que percorria a sua mente e o seu corpo diante do “Novo” que estava por vir.

- Fique à vontade, disse o garçom
- Na Verdade, eu estou procurando uma pessoa que marcou comigo aqui...

Neste exato momento, o seu olhar o enxerga de longe – Camiseta Branca, Calça Jeans, Óculos de grau (em um modelo ‘estiloso’), cabeça baixa olhando para o Celular e entretido com algo. Um Homem Maduro. Cabelos Grisalhos. Um Corpo Viril. Sério, mas com jeito Jovial. Displícemente arrumado. Como se dissesse: “não estou nem aí pra nada, mas gostaria que ela me olhasse”. Ela caminha ansiosa, mas Confiante em sua direção. Ele a vê. Em um rápido instante ela tem a impressão que ele gostou do que viu.

Cumprimentam-se e se Abraçam. Um Abraço de Verdade - Firme e Acolhedor. Sensação Boa ao Abraça-lo. Ela ficou com a impressão que ele também achou. Dava pra sentir que os Corpos Colados forneciam a “liga” necessária para um bom Romance...

- Já conhecia o lugar? Perguntou ele em tom quase descontraído.
- Não... Mas parece bem aconchegante! Como funciona?



Ele, gentilmente, passou a explicá-la como funcionava o local, ao mesmo tempo em que fornecia o prato para que ela escolhesse os itens que queria.

- Noossa! Cuscuz de Tapioca! Amo! Há quanto tempo não como...
- Lá em São Paulo não tem?
- Não é tão comum por lá! Não deste tipo aqui...Este, só aqui! rsrs

Neste momento, ela se deu conta de que estava saindo com um Conterrâneo nordestino.. Depois de um longo tempo, um Conterrâneo. Alguém da sua terra. Terra em que nasceu e viveu toda a Adolescência. Mas, a Vida Adulta aconteceu em outro lugar. Outras paisagens, cores e sabores já preenchiam também a sua alma. Percebeu ainda como atualmente já se sentia dividida – uma parte paulista, outra nordestina – duas partes que se complementam nesta Personalidade e Alma “Híbridas”. Um sorriso discreto saiu dos seus lábios como se afirmasse que gostava desta mistura. Gostava do que havia se tornado.

Escolheu uma Mesa. Mas, ele escolheu outra. Ela o seguiu. Percebeu também que se tratava de um Homem com Personalidade Forte. Alguém que sabe o que quer. Embora aparentasse um pouco “neurótico” com a Segurança, afinal não sentava em Mesa que ficava perto da Porta, e logo apresentou a ela a sua “Teoria do Assalto em Bares e Restaurantes”, ou melhor, de “como minimizar os efeitos de um possível Assalto sentando-se na Mesa Estratégica” – enfim, ela o ouviu atentamente, e por um segundo pensou “este homem é completamente Neurótico”, mas no segundo seguinte pensou “e não é que ele pode ter razão?” E também que era preciso levar em conta o Fato de ele trabalhar com este tema diariamente. Portanto, o olhar mais apurado para determinadas coisas. Ela compreendeu a “visão aparentemente neurótica”, e terminou por concordar com ele. E chegou à conclusão de que também carregava consigo um pedacinho da chamada “Neurose nossa de cada dia”. Já não podiam dizer que não tinham nada em comum, pensou ela!

Apesar de uma certa “tensão” que ronda naturalmente qualquer primeiro Encontro, a Conversa fluiu livremente. Troca de ideias, Risos, Convergências e Divergências foram descobertas de forma inteligente e divertida. O tempo estava passando rápido demais...o que parecia ser um bom sinal! Entre um assunto e outro, os olhares se cruzavam, e uma pitada de malícia surgia em forma de alguma “tirada inteligente” que provocava risos. Como se quisessem falar algo mais um pro outro, mas ambos tinham a certeza de que ainda não era o momento. Uma Coisa era Certa: A “Equação” estava ficando Interessante...

(Madrugada de Janeiro/ 2020)





Oswaldo
Amorim

● O TOM DA MÚSICA

CASAS DE SHOWS EM BRASÍLIA: FALTA DE TRADIÇÃO OU VISÃO?



Empreender em nosso país não é tarefa fácil. São inúmeros encargos tributários, trabalhistas, além dos impostos sobre qualquer produto comercializado. Além desse enorme gasto com tributos e impostos, soma-se a falta de incentivos fiscais para quem decide montar um negócio e juros impraticáveis para quem necessita de empréstimos. Porém, mesmo ciente de todas essas adversidades que o empresário enfrenta, quero abordar aqui outro fator que acho crucial para a manutenção e crescimento de qualquer empreendimento, a mentalidade e a visão do empresariado Brasiliense. Não vou entrar em outras searas, mas sim na área que atuo, a música.

Sempre questionei por que Brasília, um “Celeiro” de grandes músicos, praticamente não possui casas especializadas em música ao vivo. Quando digo especializada, me refiro a música ser o carro-chefe e esse estabelecimento ter estrutura compatível para a performance musical. No entanto, o que vemos em Brasília, na grande maioria dos casos, são arremedos de Casas de Shows. Afirmando isso com conhecimento pleno de causa, pois raros são os espaços na Capital Federal que possuem uma boa estrutura para shows. A realidade é dura para os músicos locais, pois além da grande maioria dessas casas sequer dispor de sonorização, iluminação, tratamento acústico, técnicos de som e equipamentos de palco, isso quando temos um palco, ainda esbarramos com a mentalidade imediatista e tacanha da maioria do empresariado Brasiliense. Claro que temos alguns espaços especializados, mas ao longo de seus 63 anos quantas casas existiram e continuam ativas ao longo dessa história? Essa realidade sempre foi um contrassenso para mim, principalmente por vivermos na Capital do País.

Apesar de inúmeros espaços para música ao vivo que foram criados ao longo desses anos, a maioria, ou quase a totalidade desses espaços fecharam ou faliram. Essa triste realidade sempre me fez questionar o porquê disso. Apesar de atuar como músico profissional desde 1990, ano que cheguei em Brasília, de lá para cá pouca coisa mudou no tocante ao cenário musical de Brasília, para não dizer aqui que regredimos e muito. De Capital do Rock, do Choro, da Música Instrumental, passamos a ser a Capital do Silêncio. Sim, desde a absurda Lei do Silêncio, criada em 2008, que piorou e muito o que já era precário. Da noite para o dia a intolerância com a música tomou conta da nossa Cidade. Com tolerância de apenas 50 decibéis no período das 20h as 22h, a música tornou-se grande vilã do sossego e passou a





ser considerada barulho. Sei que excessos ocorriam e podem ocorrer, e devem ser evitados e sanados, porém não foi oferecido pelo governo uma política de incentivo para isolamento acústico para as casas com Música ao Vivo ou um estudo sério sobre os níveis aceitáveis ou não de decibéis decorrente de uma apresentação musical. Na maioria das vezes, a conversa dos bares e restaurantes supera e muito o nível gerado pela música ao vivo. Um carro com o som ligado embaixo do Bloco, o caminhão de lixo, as máquinas que cortam grama, um secador de cabelo do apartamento ao lado, ou seja, tudo isso é tolerável, mas a música não. Vou deixar esse relevante assunto para uma outra matéria, apenas trouxe esse tema para salientar que muitas casas que tinham música ao vivo foram obrigadas a fechar após essa absurda Lei, criada sem um estudo sério sobre seu impacto na vida dos músicos e de toda a cadeia musical envolvida.

Em Nova York, cidade que morei e atuei profissionalmente por 5 anos, são incontáveis as Casas de Shows existentes e completamente equipadas, inclusive com pianos acústicos e/ou digitais, set de bateria e técnico de som. Já em Brasília, a exceção de alguns espaços, o que temos na maioria dos casos são puxadinhos para música ao vivo. Aqui, quando temos um palco, não temos mesa de som, retornos, microfones, pedestais, amplificadores, técnico de som e etc. Bateria e piano então, um sonho...

Conforme abordei anteriormente, sei que são inúmeros desafios e obstáculos para empreender nesse país, mas enxergo problemas que vão muito além do financeiro: a mentalidade e a visão imediatista de grande parte do nosso empresariado; a falta de uma identidade musical; a falta de compromisso em criar um público e de fidelizar esse público; a falta de visão a médio e longo prazo, sem querer retorno imediato, mas sim com o objetivo de crescer e se solidificar, de se tornar referência e criar uma tradição. Infelizmente o que vemos são casas feitas para durar dois anos e depois fazer uma reforma de fachada e transformá-la em outra que possa virar a "novidade" do momento. Isso sem falar na questão "lavagem de dinheiro"...



Voltando a questão da falta de tradição e existência de Casas de Shows, vejo, na grande maioria do nosso empresariado local, uma total falta de preocupação em criar um público, uma identidade musical, de transformar esse ou aquele espaço em referência para determinado estilo musical. Aqui a maioria do empresariado enxerga a música apenas como um meio de aumentar seu faturamento, nada

contra o lucro, mas e o valor que esse ou aquele músico agrega para a casa? O artista musical nessa Cidade tem que ser além de músico, produtor, divulgador e ser capaz de levar público. Pergunto, o que essas casas oferecem em troca? Respondo: a maioria 80% do couvert, o que algumas vezes não paga o custo da realização do show, pois o músico tem que estudar sua parte aprender o repertório, tem que ensaiar com os outros membros da banda, tem que gastar tempo preparando material de divulgação e postando nas mídias digitais, tem que passar o som e montar seu equipamento antes da apresentação. Tudo isso para muitas vezes ganhar R\$200. Isso não paga nem a gasolina e o aluguel do Estúdio para ensaio, muito menos o tempo dedicado aquele show.

Para dar um exemplo sobre a importância de criar um nome, de se tornar referência e do retorno que esse investimento gera, a maioria das pessoas que frequentam o Village Vanguard, Birdland, Blue Note, Smalls, Iridium, Zinc Bar, Dizzi's, só para citar algumas Casas de Nova York, vão sem sequer saber qual a programação daquele dia, pois sabem que naquele espaço terá música e músicos de qualidade. Toquei por 4 anos quase todos os Sábados e as vezes aos Domingos no Zinc Bar, em Nova York. A Casa funcionava apenas a noite, com música ao vivo todos os dias da semana. Detalhe curioso, não serviam nada de comida, exceto amendoim. Lotado todos os dias, todos os 3 Sets. Criar essa identidade e fidelizar esse público não foi da noite para o dia, leva meses e as vezes anos. Nova York possui casas de shows centenárias. Muitas com mais de 60 anos, a idade de Brasília. Aqui seguimos na contramão.

Produzi algumas casas na Cidade e sempre esbarrei nessa falta de visão por parte dos donos e gerentes em criar e fidelizar esse público, em se tornar referência, investir em qualidade, em valorizar a música e os músicos, investir em estrutura para a música ao vivo. Qual a casa de shows que conta com um piano na Cidade? Podemos contar nos dedos, incluindo os Teatros da Cidade. Falando em Teatro, estamos sem o complexo do Teatro Nacional, que abrigava a Sala Villa Lobos, Sala Martins Pena, Sala Alberto Nepomuceno, além do Foyer da entrada principal e das salas de ensaios no anexo do Teatro. Uma tragédia cultural que se arrasta por quase 10 anos.

O que mais me entristece é saber que Brasília possui esse público exigente e músicos extremamente qualificados. Exportamos grandes nomes da música para o Brasil e o Mundo. A Escola de Música de Brasília é um Celeiro de grandes músicos desde sua criação pelo Maestro Levino de

Alcântara em 1974. A Escola de Choro Raphael Rabello, no Clube do Choro, veio aumentar e fomentar ainda mais essa musicalidade pulsante na capital do país. Padecemos de espaços devidamente equipados e voltados para a performance musical. Padecemos de governantes que priorizem a Cultura e que invistam e fomentem a produção cultural. Padecemos de empresários que vislumbrem não apenas o retorno imediato, mas que invistam em criar uma identidade musical, em deixar um legado, em criar espaços que sejam referência de boa música em valorizar a arte e os artistas.

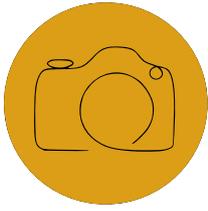
Alimento um sonho e luto constantemente por sua realização. Sonho em vivermos um Renascimento Cultural em nossa Cidade. Parodiando Chico Buarque:

"(...) Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Centro Cultural.(...)"



Bric a Brac:
Partituras, fotografias
Brasília e NY - 2023

● FOTO DA CAPA



RICARDO STUCKERT E BRUNO STUCKERT

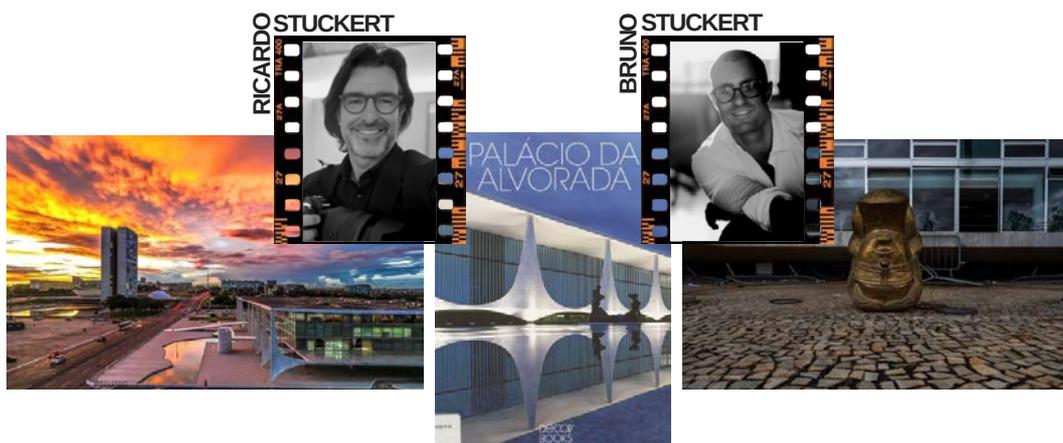
Pesquisando a fotografia para a capa dessa edição, chegamos a uma conclusão, porque não contar mais sobre as histórias de cada fotógrafo que participa aqui, das fotos e convidar tantos mais para estar conosco?

Dessa vez a nossa capa foi também uma das mais icônicas realizadas pela editora paulista Décor, quando na publicação do livro *Palácio da Alvorada*, no início dos anos 2000, com projeto gráfico de Leandro Pereira, pesquisas por Claudio Soares Rocha e Rogério de Salles Carvalho, e fotografias de Ricardo e Bruno Stuckert.

Ricardo Stuckert é conhecido como o fotógrafo oficial de Luiz Inácio Lula da Silva e diretor de fotografia do documentário *Democracia em Vertigem* (2019), dirigido por Petra Costa. Contribuiu com grandes mídias impressas, como o jornal *o Globo*, e as revistas *Isto É* e *Veja*, além de possuir participação na agência Stuckert Press, fundada por seu pai Roberto Stuckert, tendo como principal função a distribuição de fotografias do Planalto para diversas mídias. Fotógrafo documentarista, possui como principal temática os indígenas.

Bruno Stuckert é fotógrafo desde os 15 anos, tendo seu início na Secretaria de Turismo (SETUR/DF), no governo de Rodrigo Rollemberg. Atuou junto a um grande número de redações jornalísticas e editoriais de economia, política e cultura, e desde o ano de 2003 dedica-se como fotógrafo de casamento, o que faz com louvor, apresentando belíssimas fotografias, delicadas e muito gentis, dispondo da simplicidade para criar imagens únicas e memoráveis.

Dois fantásticos fotógrafos que trazem o amor e a competência para a profissão, fazendo desta arte maravilhosa um instrumento educativo e disseminador de conhecimento!



Vê aqui!



Revista 15.47.

PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 12 (abril/Maio - edição 2023)

Brasília - Brasil Online

Bimestral

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design

8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo 13- Direito 14- Psicologia

DIREÇÃO EXECUTIVA, ARTE E EDIÇÃO:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

CONSELHO EDITORIAL:

ANDRÉ BERÇOTT
ANGELINA QUAGLIA
CYNTHIA NOJIMOTO
CAIO FREDERICO E SILVA
JOÃO DINIZ
LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA
MARIA HELENA COSTA
MARIA LUIZA JUNIOR
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA

REVISÃO GERAL:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

REVISÃO TEXTUAL:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
BEATRIZ BERÇOTT
PATRÍCIA YUNES DE ÁVILA E SILVA
MALU PERLINGEIRO

DIAGRAMAÇÃO:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

CAPA E FOTOGRAFIA DE ÍNDICE:

ARTE REALIZADA PELA EDITORA PARABOLOIDE.COM SOBRE FOTOGRAFIA
RETIRADA DO LIVRO PALÁCIO DA ALVORADA, DOS FOTÓGRAFOS BRUNO
STUCKERT E RICARDO STUCKERT.
COLEÇÃO SÉCULO XXI, EDITORA DECOR, SÃO PAULO, SP.

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

**BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
CONTATO@PARABOLOIDE.COM**

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538

PARABOLOIDE, INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
CONTATO@PARABOLOIDE.COM
(+55-61) 99914-0661
(+55-61) 98177-2538



PARABOLOIDE

